



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JANAYNE DE MOURA FERREIRA

Sob os auspícios de Vossa Alteza Real: Natureza, ciência e paisagem nas viagens científicas ao Estado do Maranhão e Piauí no século XVIII.

JANAYNE DE MOURA FERREIRA

Sob os auspícios de Vossa Alteza Real: Natureza, ciência e paisagem nas viagens científicas ao Estado do Maranhão e Piauí no século XVIII.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI

FICHA CATALOGRÁFICA

**Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídeo Nunes de
Barros Biblioteca Setorial José
Albano de Macêdo**

Serviço de Processamento Técnico

F383s Ferreira, Janayne de Moura.

Sob os auspícios de Vossa Alteza Real: Natureza, ciência e paisagem nas viagens científicas ao Estado do Maranhão e Piauí no século XVIII / Janayne de Moura Ferreira. -- Picos,PI, 2018. 69 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.

“Orientador(A): Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva.”

1. História Natural. 2. Viajantes Científicas - Brasil. 3. Brasil - Paisagens. 4. Piauí. 5. Maranhão.
I. Título.

JANAYNE DE MOURA FERREIRA

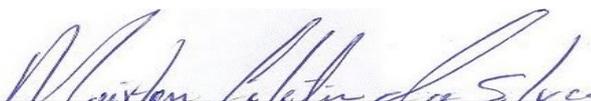
Sob os auspícios de Vossa Alteza Real: Natureza, ciência e paisagem nas viagens científicas ao Estado do Maranhão e Piauí no século XVIII.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Data de aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno

Profa. Ma. Laila da Silva Pedrosa
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Externa

Prof. Dr. Agostinho Holanda Coe
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno

–

Prof. Ms. Luis Filipe Brandão
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Externo

PICOS – PI
2018



Ao meu pai (*in memoriam*), por sua teimosia e poesia

AGRADECIMENTOS

Parafraseando o poema “ La marioneta” de Johnny Welch (falsamente atribuído a Gabriel Garcia Marquez), se uma força maior me concedesse um pedaço de vida, provavelmente eu não diria tudo o que eu penso, mas, definitivamente, pensaria com cuidado antes de permitir que minhas palavras fossem pronunciadas. Essa força estranha e gigante pode receber inúmeros nomes, mas, no fundo, ela é um sentimento, o mais poderoso entre todos os existentes - o amor é o grande maestro do universo e, sem ele, nós não somos nada. O amor me concedeu um pedaço de vida e, a cada ano, foi me dando mais e mais até que me tornasse completa. Portanto, não deixarei passar um só dia sem dizer a essas pessoas - te amo, te amo.

Aos responsáveis pela minha força e vontade de tornar o mundo um lugar menos inóspito:

Minha mãe, Helena, por me amar incondicionalmente e por ter me ensinado a ler, e especialmente por ter se esforçado para que eu tivesse uma caligrafia decente. O mais importante foi ter me dado os irmãos mais irritantes e divertidos do mundo, Nayse, Martim e Pietro Nillo e, ao mesmo tempo, ter nos mostrado o significado da palavra compartilhar.

Ao meu avô, Nilo Ferreira Jorge, por sempre ter me escutado e me entendido. Como me dizia quando eu era criança “Nós dois somos feios e a gente se entende”.

À família Ferreira Saturnino e Moura, que de tão imensa levaria umas vinte páginas de nomes e agradecimentos, mas que é facilmente definida pelas palavras “amor” e “companheirismo”. Sou imensamente grata por tamanha sorte de ter vocês.

Aos professores, funcionários e acadêmicos da UFPI-CSHNB que me inspiraram a querer ser uma pessoa melhor para o mundo:

Mairton Celestino(urso), orientador, desorientador e amigo, que apesar das nossas implicâncias constantes, é também a pessoa que me deu todo o apoio e incentivo desde o primeiro semestre do curso de História. Nós dividimos salas, laboratórios, auditórios, infinitos cafés bem fortes, pizzas, conversas e amigos e isso não caberia em palavras, por mais que eu tentasse.

Agostinho Holanda Coe, orientador de PIBIC e amigo, cujo apoio e fé em mim foram essenciais para que eu conseguisse concluir o curso e, mais que isso, alçar voos maiores pelo mundo. Agradeço por ter me dado a oportunidade de conhecer e conviver com o pequeno

Apollo, que me fazia correr pelos corredores da universidade até perder o ar. Há um quê de confiança em tudo isso e é completamente recíproco.

Luís Filipe Brandão, professor e amigo, agradeço por ter me suportado e mostrado toda a tua sensibilidade escondida na timidez e bravura. Obrigada pelas conversas repletas de sarcasmo, ironia, dicas literárias, cafés, bebidas alcoólicas e abraços aconchegantes.

Gleison Monteiro, orientador do Projeto de extensão: Restauração, Catalogação e Digitalização dos Documentos Eclesiásticos do Pi, por ter acreditado e incentivado a minha pesquisa. Por ter dividido cafés e conversas no dia a dia na universidade.

Érica Lôpo e Sabrina, professoras e inspiração feminina. Agradeço por todos os abraços demorados e cafés compartilhados, por todas as conversas e lágrimas que derramamos juntas. E por todos os textos sobre a causa indígena que discutimos com todas as nossas forças. Eu amo vocês!

Carla Silvino, professora e inspiração na luta por uma educação básica de qualidade.

Marylu Alves, professora, amiga e inspiração em todos os âmbitos.

Aos demais professores com os quais tive contato e compartilhamos ótimos cafés, conversas e abraços: Ana Paula Cantelli, Fábio Leonardo, Heitor Matos, Jaaziel Carvalho, Rafael Ricarte, José Lins, Lorena França e Paulo Mafra.

Dona Puri e Aldeídes, Verinha, funcionárias e responsáveis pelo melhores cafés e abraços da UFPI.

A universidade vai muito além das salas de aula, ela é uma louca simbiose com tudo que nos cerca, os muros e as pessoas com as quais cruzamos nos corredores e a caminho da universidade. É um lugar onde fechar os olhos significa perder a oportunidade de crescer pessoal e academicamente. Foi onde eu conheci pessoas e lutas que moldaram meu caráter e deram cor (azul) aos meus dias. Aos meus fiéis escudeiros:

Meu grupo de seminário problemático, mas quase sempre juntos: Anderson Barão, Thiago Barroso e Adriano Macêdo.

A Trindade Autoritária do Centro Acadêmico(2016): Rosamaria e A. Lohayne.

Ao *caffè sospeso*: Anderson, Marianna Karenina, Matheus Bonfim, Raquel e Tarcísio Neslen.

Ao meu quadro Azul de esposas, *complô* e poesia: Vanessa Barbosa, Rosamaria, Valquíria Borges e A.Loha. Sou grata por tudo que nós construímos. É amor, é vida!!

A Adriano Macêdo, a pessoa mais irritante que eu já conheci. *Omaet otium!*

A Wellington Borges, eu não consigo sequer explicar tamanho amor.

A João Neres, por ser um ótimo amigo, fornecedor de literatura e cafés doces demais para serem tomados.

Em todo lugar, ao nosso redor, há sinais de esperança nos olhares e nós escrevemos mensagens nas paredes para os dias que virão. Junto a essas pessoas e outras mais, eu construí um mundo onde tudo era possível e onde o amor é o centro das atenções. O nosso mundo, o nosso “nós”.

Não poderia esquecer de mencionar e agradecer ao NUPEDOCH - Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e ao Centro Acadêmico Henrique Moreira, onde quase literalmente fiz morada. E, onde fiz amigos maravilhosos e compartilhei incontáveis cafés, música, trabalhos acadêmicos e pesquisas.

Por último, devo agradecer ao café, por ter sido um líquido indispensável ao longo da graduação, me ajudando a manter o foco na pesquisa e a conhecer pessoas encantadoras dia após dia.

E ao tornar da travessia, o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.

Euclides da Cunha.

*Eu ouço as vozes, eu vejo as cores, eu sinto os passos de outro Brasil
que vem aí.*

Gilberto Freyre.

Mais do que a mais garrida a pátria tem

Uma quentura, um querer bem, um bem

Um libertas quae era tamen

Que um dia traduzi num exame escrito:

“Liberta que serás também”

E repito!

Ponho no ouvido o vento e escuto a brisa

Que brinca em teus cabelos e te alisa

Pátria minha, e perfuma o teu chão...

Que vontade me vem de adormecer-me

Entre os teus doces montes, pátria minha

Atento à fome em tuas entranhas

E ao batuque em teu coração.

Vinicius de Moraes.

Cria-se o livro. Os homens pensam.

Pensam e agitam-se em tumulto.

Por sobre os seus trabalhos paira a benção:

e todos os trabalhos tomam vulto;

O saber suspicaz penetra o alto segredo da vida.

É tudo um labutar de ciência.

O homem afoita-se, descobre, perde o medo...

Mário de Andrade

RESUMO:

Na esteira do Iluminismo, o século XVIII foi marcado por uma série de reformas que culminaram em efervescências científicas no continente europeu. As principais potências europeias passaram a investir nas “viagens filosóficas”, cuja finalidade era conhecer a fundo a natureza de suas colônias. Os textos e imagens produzidos por esses viajantes, pioneiros em desbravar o “Novo Mundo”, são fontes históricas privilegiadas sobre as perspectivas e interesses existentes do Império Português em relação às suas colônias. Seguindo as pegadas deixadas por dois destes agentes imperiais no Sertão do Piauí e Maranhão – o padre Joaquim José Pereira e o bacharel em Direito Civil e Filosofia Vicente Jorge Dias Cabral – este artigo busca fazer reflexões acerca do *modus operandi* da administração portuguesa e os interesses em jogo nas décadas que precederam a vinda de D. João VI para o Brasil em 1808. Nessa senda, desejamos apurar o olhar para o lugar dos subalternos: indígenas, escravos e mestiços, e os seus respectivos espaços (ou ausência deles) nos enunciados dos viajantes. Para auxiliar nas discussões teóricas, historiográficas e metodológicas, serão utilizados autores tais como Ronald Raminelli, Edgard Pérez Morales e Lorelai Kury.

PALAVRAS-CHAVE: História Natural. Viajantes. Paisagens. Piauí. Maranhão.

ABSTRACT:

In the wake of the Enlightenment, the eighteenth century was marked by a series of reforms that would culminate in scientific effervescence on the European continent. The main European powers began to invest in "philosophical journeys", whose purpose was to know in depth the nature of their colonies. The texts and images produced by these travelers, pioneers of the "New World", are privileged historical sources on the perspectives and interests of the Portuguese Empire in relation to its colonies. Following the footsteps left by two of these imperial agents in the backwoods Piauí and Maranhão - Father Joaquim José Pereira and the bachelor in Civil Law and Philosophy Vicente Jorge Dias Cabral - this article seeks to reflect on the modus operandi of the Portuguese administration and the interests in in the decades preceding Dom Joao VI's visit to Brazil in 1808. In this way, we wish to examine the place of the subordinates: indigenous, slaves and mestizos, and their respective spaces (or absence of them) in the statements of the travelers. To assist in the theoretical, historiographic and methodological discussions, authors such as Ronald Raminelli, Edgard Pérez Morales and Lorelai Kury will be used.

Keywords: Natural history. Travelers. Sights. Piauí. Maranhão.

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1:** Domenico Vandelli 23
- Figura 2:** Quina do Pernambuco de José Mariano Velloso. 27
- Figura 3:** Desenho minucioso dos aspectos físicos de uma ave. Por Domenico Vandelli. 28
- Figura 4:** Coumo Utilis Muell em Amazônia. Desenho aquarelado sobre papel, assinado por Joaquim José Codina pertencente ao espólio da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783 – 1792). Fundação Biblioteca Nacional – Divisão de Manuscritos, Rio de Janeiro, Brasil. 31
- Figura 5:** Estampa em aquarela da planta denominada Loureiro Cinamomo vulgo Canelleira do Ceilão. 33
- Figura 6:** Mappa geral do sertão da capitania de S. Luiz do Maranhão Joaquim José Pereira, 1794. 45

SUMÁRIO

DOS PERSONAGENS:	12
1. ATO I: <i>ORDO AB CHAO</i>	15
1.1 CENA I: Domenico Vandelli e o advento da História Natural	22
1.2. CENA II: As viagens científicas no Brasil	31
2. ATO II: Trajetórias	39
2.1 Joaquim José Pereira	44
2.2 Vicente Jorge Dias Cabral	49
2.3. Considerações finais	53
BIBLIOGRAFIA:	55
ANEXOS	59

DOS PERSONAGENS:

Este trabalho busca entender a estreita ligação entre ciência, comércio e dominação colonial através dos relatos de dois viajantes naturalistas do sertão do Piauí. É sob os alicerces das perspectivas de pesquisadores como Mary Louise Pratt, Ronald Raminelli, Rodrigo Osório Pereira, Lorelai Kury e Edgardo Pérez Morales, que me dedico a esses dois agentes coloniais que atuaram no Sertão do Piauí e Maranhão – o padre Joaquim José Pereira e o bacharel em Direito Civil e Filosofia Vicente Jorge Dias Cabral – este trabalho pretende fazer ponderações a respeito do *modus operandi* da administração portuguesa e as ambições em jogo nas décadas que antecederam a fuga de D. João VI para o Brasil, e que continuaram até pouco antes da declaração da independência. Nessa jornada, pretendemos investigar também qual o papel exercido pelo Indígena e os escravizados em seus referentes espaços (ou o esquecimento deles) nos testemunhos dos viajantes.

No Ato inicial, pretendemos informar o leitor de como se deu a busca incessante do império português por conhecer e catalogar o “Novo Mundo”. Assim como foram organizadas as primeiras expedições, e quem foram seus mentores. Para em seguida, concentrar a análise naqueles que escolhi como personagens essenciais dessa pesquisa, como também em suas participações, fazendo um breve mapeamento dos produtos que aparecem com mais frequência nos diários, em especial a Quina, cujas propriedades de cura ficaram conhecidas pelo mundo. Por último, concluo com uma crítica ao esquecimento de muitos dos naturalistas responsáveis pelo mapeamento do Brasil, enquanto alguns são citados em basicamente todos os trabalhos sobre as viagens filosóficas, outros são completamente apagados da memória. Quando os colonizadores adentraram nas terras, encantaram-se automaticamente com tamanha beleza e riqueza, e muitos relatos de viagem foram escritos ao rei. O mais famoso é a carta de Pero Vaz de Caminha, no qual descreve as primeiras impressões sobre as terras brasis. O motivo de relembrar a chegada dos portugueses tem muito em comum com a empreitada a qual os naturalistas foram incumbidos cerca de dois séculos depois. Dois pontos importantes entre um e outro é em primeiro lugar a descrição do que era novo e do qual se julgavam donos, em segundo se encontra os olhos cobiçosos que almejavam o domínio sobre o local.¹

Ambos vieram a se tornar possíveis em 1772, ano que poderia dizer que foi um ano bem proveitoso na expansão do estudo da botânica e desenvolvimento dos saberes médicos, ainda que de forma embrionária, pois, neste mesmo ano foi realizada uma Reforma nos

¹ VENTURI, Franco. Utopia e reforma no Iluminismo. EDUSC: Bauru, 2003, p.31

Estatutos da Universidade de Coimbra que agora seria pautada nos ideais iluministas e na história natural. Também, foi neste mesmo ano em que se criou no Rio de Janeiro, a Academia Científica, a criação do Gabinete de História Natural e dos Jardins Botânicos de ajuda, também em Lisboa. Essa era uma vasta oportunidade de finalmente concretizar o sonho de fazer um inventário do Novo Mundo e assim garantir a manutenção do poder e a expansão da economia.

Na segunda metade do século XVIII, havia uma forte ligação entre ciência, comércio e dominação colonial.² É justamente na empreitada de expandir o comércio de produtos do Brasil pela Europa que os viajantes naturalistas entram e cumprem pouco a pouco a tarefa de catalogar as regiões do Brasil e tudo que nelas se encontram. Este trabalho anseia por apresentar o vigário da cidade de Valença do Piauí, Joaquim José Pereira, nascido em Carnoza Correa e incumbido da tarefa de viajar pelo sertão do Piauí e Maranhão, escrevendo um diário com os detalhes de suas andanças. Dentre muitas plantas e animais citados, assim como relevo e o clima, está a Quina, rica em propriedades de cura para febres intermitentes e tantas outras moléstias da época.³

Em Virtudes das drogas simples achadas nesta capitania quina, quina do Pihauy, Joaquim José Pereira descreve a região onde é encontrada a quina na freguesia de São José do Piauí e as características dessa planta: as folhas, frutos, flores, cascas, cheiro, cor, tamanho e formas. O expedicionário se propõe a analisar as virtudes desta planta para área medicinal, dentre elas está a antifebril, e segue contando um caso de um homem de quarenta e três anos que após uma longa cavalgadura se pôs enfermo com uma febre contínua, “as extremidades frias a vista espantada, a língua áspera como uma lixa, a fala balbuciente...”⁴, tiveram de mutilar as partes com gangrena, e nas demais que começavam a se infectar aplicou-se a quina quina tanto externamente quanto internamente, e só então uma maior infecção foi remediada.

De fato, há a descrição de que se havia encontrado tais plantas em diversos pontos do Piauí Sobre a fazenda de “Lagoa”, por exemplo, traz a seguinte descrição: “nesta fazenda se fizerao as operações pertinentes (...). Aqui se acha abundancia de quinaquina pihaiencie do qual lugar se tirarão...” os remédios supracitados. “Nas planícies deste sertão de Iguará, acham se várias montanhas, que mais parecem da segunda Ordem que primitivas cobertas de pedras lumalizadas (?) a que chamam quartzo...”, apresentando quase uma descrição densa e

2 PRATT, Mary Louise. Humboldt e a invenção da América. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991, p. 151-165, p. 155.

3 *Memórias ou adendo à continuação do Diário em crédito da Quinaquina do Piauí* AHU-MA, Caixa 127, Doc.: 09555.

4 *Idem. Ibidem.*

formando uma imagem das planícies piauienses. A fauna, por sua vez, não é esquecida, dizendo existir “animaes cavallar e vacum, onças, antas, javalis, corcodilos”. As propriedades de cura de outros produtos naturais são catalogadas com rigor, tal como o Sal de Glauber “(...) muito útil para lançar as áreas dos rins e bexiga, serve para febres intermitentes(...)” e o Angico Vermelho do qual “(...) Faz-se este lambedor composto de quatro libras de água, bem classificado a que se ajusta a quatro onças desta goma depois de dissolvida n`agoa e coada(...)”.⁵

Apesar do trabalho desses viajantes ser tão importante para o desenvolvimento da ciência, assim como para o comércio lusitano, este raramente é citado em trabalhos sobre os naturalistas do sertão, e muito menos no cenário nacional. Talvez possa haver quem diga que a expedição de exploração de Pereira e Cabral não seja tão grandiosa quanto a Viagem filosófica, descrita por Ronald Raminelli, mas essa hierarquização seria injusta. Essa viagem no interior do que hoje é demarcado como as fronteiras do estado do Piauí deixou uma riqueza documental repleta de possibilidades. Para além disso, podemos ver a constituição de paisagens e condições para que se imagine um Piauí oitocentista, mesmo que atravessado pelos olhares de saberes eurocêntricos; não podemos nos furtar do trabalho em cima dessas fontes, pois elas poderão nos dar a ver um pouco mais da história piauiense, que tem como característica frequentes hiatos na penumbra aguardando que se lancem luzes e novos olhares sobre eles. Nesse sentido, podemos reencontrar o fio de Ariadne deixado pela aventura desses dois sujeitos caminhantes e, seguindo outra vez a assertiva de Carlo Ginzburg, possamos perscrutar suas “pegadas” sob as areias do tempo. Assim, partimos na construção da narrativa histórica e seus movimentos, orientada tanto pelo fio quanto pelos rastros deixados.⁶

1. ATO I: *ORDO AB CHAO*⁷

⁵ Idem. *Ibidem*

⁶ GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo. O tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In.: *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 114 e 117.

⁷ Ordem que vem do caos (ordem em meio ao caos). Uma das pretensões do movimento iluminista seria de trazer ordem para o caos do mundo dominado pela religião. No caso de Lisboa, por exemplo, depois do incêndio e dos saques, o que seria um grande caos, veio a ordem, pois, o centro de Lisboa foi reconstruído de maneira muito mais organizada, no tocante ao utilitarismo da disposição de cada novo prédio, e até da arquitetura das moradias (que criavam uma aparência de igualdade social).

Isto significa que o primeiro resultado da Criação foi a Matéria-Prima, informe e sem dimensões, qualidades, propriedades, tendências, desprovida de movimento e de repouso, puro caos primordial, hylé que não era ainda nem luz nem treva.

Era uma massa mal digerida onde se confundiam ainda os quatro elementos, e também o frio e o calor, o seco e o úmido, magma em ebulição, que explodia em gotas ardentes, uma panela de feijão, um ventre diarreico, um tubo obstruído, um pântano em cuja superfície se desenham e desaparecem círculos d'água pela emersão e imersão súbita de larvas cegas.

De tal modo que os heréticos deduziram que aquela matéria, tão obtusa, resistente a todo sopro criativo, fosse tão eterna quanto Deus. Mas mesmo assim, fazia-se necessário um fiat divino para que nela e sobre ela se impusesse a alternância da luz e das trevas, do dia e da noite. Esta luz (e aquele dia), a respeito da qual se fala no segundo estágio da Criação, não era ainda a luz que nós conhecemos, a das estrelas e a dos dois grandes luminares, que foram criados somente no quarto dia.

Era uma luz criativa, energia divina no estado puro, como a deflagração de um barril de pólvora, primeiramente são apenas grânulos negros, comprimidos numa massa opaca, e, repentinamente, uma expansão de chamas, uma concentração brilhante, que se difunde até à própria extrema periferia, além da qual se criam por contraposição às trevas.

Umberto Eco -A ilha do dia anterior

Iniciaremos esse Ato com uma breve, mas importante definição do que seria o Estado Moderno ocidental que se manifestou em uma configuração um tanto peculiar em Portugal. Segundo Michel Foucault, essa peculiaridade seria as “economias de poder”, e que concisamente se dividem em três níveis: o primeiro seria o Estado da Justiça, cujo nascimento se deu em uma zona feudal e que seria equivalente a uma sociedade da lei; o segundo nível seria o Estado administrativo, surgido nos séculos XV-XVI, em um território de fronteira análogo a uma sociedade regulamentada pela disciplina; e finalmente, um Estado de governo cujas definições não se limitam a territorialidade, mas sim com a população existente. Para isso utiliza-se do aparelhamento do saber econômico.⁸ Essa análise é capaz de nos proporcionar um entendimento mais profundo acerca da relação paradoxal e ambígua que Portugal mantinha com a Modernidade, pois, ao mesmo tempo em que se tornou o primeiro Estado Moderno europeu, também mantinha em sua estrutura muitos resquícios medievais em suas instituições. Portanto, para que se pudesse escapar da crise que se arrastava desde o século XVII, Portugal deveria iniciar uma série de urgentes reformas para garantir a preservação do seu território ultramarino, - assim como deveria esquematizar maneiras de se conseguir acelerar o progresso econômico imperial, - este, já se encontrava em processo econômico de gradual empobrecimento.

Há muito é falado sobre as principais reformas realizadas a administração nas colônias, assim como muitas outras reformas em diversas instituições imperiais. Da mesma

⁸ FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 292-3.

forma, muito é dito na historiografia sobre o principal fomentador dessas reformas na corte iluminista durante o século XVIII, - Marquês de Pombal foi uma figura impactante que gerou muitas discussões em seu entorno e que o levou até a ganhar um termo próprio para o período em que viveu e atuou, o “pombalismo”, utilizado até hoje na historiografia. Mas que também, assim como em sua época, gerou muitas polêmicas no meio historiográfico, portanto, nos abstermos de mergulhar em sua vida pessoal, e nos limitaremos a apresentar apenas suas ideias em torno do iluminismo e a economia do império ultramarino. De uma forma mais abrangente, não conseguimos ver justificativas para não conceber o iluminismo como a “Era da Razão”, já, que no período setecentista, seu significado obtinha grande peso na fundamentação de ideias renovadoras, justificando-a, como uma maneira de legitimar as constantes transformações que vinham ocorrendo.

A administração do Marquês de Pombal tinha como principal eixo a educação universitária de qualidade, favorável para a disseminação do pensamento iluminista. Conseqüentemente a universidade e o Estado deveriam manter uma íntima relação, que na pior das hipóteses, geraria um modelo administrativo rápido, eficaz e eficiente. E na melhor das hipóteses, teria além de um ótimo desempenho na administração pública, um potente alvorecer nos aspectos científicos.⁹ Francisco Falcon, historiador brasileiro que pesquisa o período Pombalino e foca no seu “ideário” e na sua aplicação no império ultramarino, expõe o quanto de influências europeias contemporâneas possui os três aspectos principais (econômicos, jurídicos e ideológicos) da monarquia portuguesa conduzida pelo Marquês de Pombal¹⁰. Falcon reforça também a quão ambígua seria a relação entre Portugal e o Estado Moderno:

Tocamos enfim no ponto essencial: o ecletismo. É sem dúvida a marca registrada da prática ilustrada em Portugal. É o ecletismo que tenta harmonizar num todo coerente aqueles elementos na aparência inconciliáveis: a fé e a ciência, a tradição filosófica e religiosa e a inovação racional e experimental, o teocentrismo e o antropocentrismo.¹¹

⁹ José de Carvalho e Melo vulgo Marquês de Pombal, adquiriu fama por sua eficiência administrativa, em parte, pelo terremoto e incêndio em Lisboa em novembro de 1775. Pois, em um curto período de tempo, o marquês havia granjeado suporte internacional para reconstruir a cidade. Essa Lisboa que ressurgia como a fênix, foi sendo aos poucos replanejada, cuidadosamente, para que não fugissem dos padrões até então adotados. Equilíbrio, austeridade e funcionalidade poderiam definir facilmente a Nova Lisboa da era pombalina. Uma Lisboa que não deixava transparecer nas paredes de suas casas, o status social do morador. Uma Lisboa recriada para mostrar uma presumida igualdade social.

¹⁰ FALCON, Francisco. A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada. São Paulo: Ática, 1982. P. 420-430.

¹¹ FALCON, Francisco. A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada. São Paulo : Ática, 1982. p. 430. 96 MUNTEAL FILHO, Oswaldo.

Por volta da metade do século XVIII dá-se início a uma aclamada epopeia em busca das riquezas naturais, mas dessa vez a finalidade não seria exclusivamente econômica, já que, no século das luzes havia começado uma corrida alucinada pelo conhecimento, pelo saber em tudo que envolvesse o mundo natural. Com o intuito de aderir a essa empreitada e expandir o seu sistema econômico, em 1770, o marquês de Pombal iniciou uma reforma nos estatutos da Universidade de Coimbra, o que gerou grande repercussão em todo o território luso-brasileiro. Após a reforma que visava desenvolver os conhecimentos técnicos e científicos, por volta de 1772, quando foram criadas as Faculdades de Filosofia e de Matemática, os luso-brasílicos se demandam para Portugal afim de desenvolver suas habilidades. A reforma pela qual passou a UC teve como base o modelo europeu das melhores universidades que lá existiam. Essa reforma foi possível por ser uma das prioridades do então Reitor D. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho¹², um luso-brasílico, com circulação livre entre Brasil e Portugal e forte influência na administração portuguesa.

Antes de fazer a reforma, foram detectados diversos problemas na maneira de se fazer e ensinar ciência, dentre estes, percebeu-se que na área da filosofia havia uma pesada carga de influência da escolástica, e não sendo a única vez que recaí sobre os jesuítas a culpa de incontáveis erros.¹³

He constate da nossa Historia Literaria que nestas cadeiras se não ensinou outra Filosofia, que não fosse a *Escolastica*; Filosofia sofisticada, e vãa, que só se ocupava em propagar os *dogmas peripatéticos* alterados pelas subtilidades Arabicas, e corrompidos pelas imaginações Escolasticas.

Como esta Filosofia, que com discredito da Razão por tantos Seculos ocupou este nome só servia de deslocar o entendimento dos homens, de corromper os Estudos de todas as mais Faculdades, e de ruina geral das Artes; as quaes não podiam adiantarse, e nem promoverse, por meio de huma Sciencia verbal, toda destituída de conhecimentos físicos, e verdades certas da Natureza. Pareceu a Junta Literaria, que devia ser abolida não só na Universidade; mas também de todas as Escolas Publicas, e Particulares, Seculares, e Regulares destes Reynos, e Senhorios.¹⁴

A reforma universitária foi durante algum tempo alimentada pelo brasileiro autor do poema épico Caramuru – o padre agostiniano Frei José de Santa Rita Durão, nascido no

12 D. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho nasceu em Belford Roxo no Rio de Janeiro no ano de 1735. Frei conventual da ordem de S. Bento de Avis e doutor em cânones pela universidade de Coimbra; juiz geral das três ordens militares; desembargador da casa da suplicação; deputado da mesa consória e do tribunal da inquisição; governador do bispado de Coimbra em 1768; reitor da universidade e membro da junta de Providência literária, criada sob a inspeção do cardeal Cunha, e do Marquês de Pombal em 1777; reformador da universidade, cargo que exerceu com o que já tinha de reitor, de 1772 a 1779; bispo coadjutor e futuro sucessor do bispado desta cidade em 1773; confirmado com o título de bispo de Zenopoli em 1774.

13 ARAÚJO, Ana Cristina. A cultura das Luzes em Portugal. Lisboa : Livros Horizonte, 2003, p. 16.

14 LEMOS, Francisco de, – Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra (1777). fl. 108.

distrito de Mariana em Minas gerais, e que em 1756 foi admitido como professor de Teologia de Coimbra, um anti jesuíta declarado. Aparentemente, muitos dos intelectuais da época se mostravam intolerantes, ou esgotados com a presença dos jesuítas. Em um trecho de uma carta de D. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho ao seu irmão, ele se queixa de jesuítas que estão se vestindo como os alunos da Universidade de Coimbra, o que ia totalmente contra os Estatutos que juntamente ao Marquês de Pombal ele havia criado:

(...) . O Amaral sey que só leva por hora providência do Senhor Marquez para a exasperação das penas para os Novos Estatutos, que respeitam os vadios que a esta Universidade concorre, vestindo-se de batinas para melhor se introduzirem com os estudantes, com os perniciosos fins de os roubarem, e perverterem.¹⁵

Dentre as incontáveis reformas na Universidade de Coimbra (UC), houve em especial a construção de um Jardim Botânico e um Museu de História Natural almejados há muito tempo por Jacob de Castro Sarmiento¹⁶, que em 1731 já demonstrava um forte interesse por jardins com finalidades farmacêuticas, assim como evidenciava um grande interesse pelos produtos das terras brasileiras, em especial a quantidade e qualidade dos diamantes, como nesse trecho da carta de Jacob Sarmiento sobre os diamantes brasileiros:

Tendo tido a oportunidade de conversar com uma pessoa, que vem das Minas de ouro do Brasil, e que trouxe vários diamantes de um preço considerável encontrado nessas minas, e como me foi recomendado, pedi-lhes uma memória desses novos diamantes, e ele me deu uma em português. Esta pessoa está muito em um estado de me dar boas luzes, tendo estado ocupada nas minas de ouro por mais de quinze anos, então eu espero que a sociedade real veja com prazer a tradução, que eu farei com esta memória.¹⁷

Domenico Vandelli, João Dalla Bella, Michel Franzini e Julio Matiazzi, todos italianos, transferidos para Portugal e hábeis professores da UC, foram os responsáveis pela remodelação no plano anterior de construção do Jardim Botânico e por alcançarem a aprovação do rei para que este fosse posto em prática. Começava-se a dar os primeiros passos significativos junto ao tão almejado “progresso”. A partir da conclusão dessas reformas nos Estatutos da Universidade de Coimbra e concretização dos planos de expansão física e

¹⁵ Trecho retirado de uma coleção de correspondências trocadas entre D. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho e familiares e amigos próximos nos anos de 1775 a 1779. Coleção disponível no Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra XXX.

¹⁶ Jacob de Castro Sarmiento foi um destacado médico português da segunda metade do século XVII a primeira metade do século XVIII. Foi um dos precursores do pensamento na Reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra, sendo responsável pelo primeiro livro em português no qual traz as teorias de Isaac Newton, denominado de *Theorica Verdadeira Das Marés, conforme à Philosophia do incomparável cavalheiro Isaac Newton*, escrito em 1737.

¹⁷ Carta do Senhor Jacob de Castro Sarmiento ao Doutor em Medicina Cromwel Martimer, secretário da Sociedade Real de Londres. Tradução minha.

intelectual no império luso brasileiro, começam a serem formados uma série de intelectuais, que a mando da coroa seriam encarregados de realizar expedições científicas/filosóficas a fim de conhecer a fundo as características da natureza. A partir desse momento, nos últimos suspiros do século XVIII e despertar do século XIX, as expedições tomam rumos cada vez mais importantes para o império ultramarino português, tanto para a economia, quanto para a auspiciosa intelectualidade das academias científicas. As redes de trocas de saberes sobre as descobertas naturalistas tomam rumos grandiosos e importantes:

No caixote N°5 com a marca “ K’ [sic] Vossa Excelência, um canudo de lata incluindo os desenhos, ramos dessecados, e descrições Botânicas das plantas, de que fala o Bacharel Vicente Jorge Dias Cabral no Ofício a Junta ; a cujo respeito só se me oferece dizer a Vossa Excelência - Ao que o dito Bacharel reduzindo as quatro diferentes espécies de Velame, ao “novo gênero” - Administer – ignorava; como agora vi na Memoria de Manuel Arruda da Camara sobre a cultura dos algodoeiros. Nota 2° á página 28, tem este Naturalista “creado” de húa delas o Genero, a que “deu” o nome de – Bruteria purgans-, pelo que será justo comparar a descrição de Manuel Arruda para ver com qual das referidas espécies coincide. – “V” que do officio “6” de Vicente Jorge Dias Cabral se conclui verificada antecipada reflexão, e que o Senhor José Mariano Velozo fez na página 160 da Quinografia Portuguesa.

No mesmo caixote vaís também dous canudos de lata com as amostras de Salitre, mencionado na carta do Vigário de Valensa, Padre Joaquim José Pereira, e mais que consta de outros do supradito Bacharel. – Alegando os últimos avizos deste estará esperando as remessas em gran (tinta borrada) tempo as mandarei embarcar.

Deos guarde Vossa Excelência São Luiz do Maranhão, 25 de setembro de 1800/.

Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor D. Rodrigo, de Sousa Coutinho.¹⁸

A partir das experiências dos viajantes, fossem eles missionários, curiosos, piratas, filósofos ou cientistas naturalistas, construía-se uma paisagem da terra que recebera o nome de Brasil. Entende-se por paisagem no sentido mais limitado, o apanhado de contornos possíveis de serem abarcados pela visão. O que diferencia paisagem de espaço é o fato de o espaço ser sempre presente e horizontal, enquanto a paisagem pode ser tanto presente quanto passado, transversal. Nessa relação encontram-se pistas do passado unidos ao presente, a construção humana, as forças da natureza e o momento experimental em que se forma na

¹⁸ Ofício do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa para o secretário de Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho; sobre o envio de um canudo de latão com desenhos, ramos dessecados e descrições Botânicas. Anexo: 2 documentos. AHU_ACL_CU_009, cx.112, D. 8759

retina um entorno, como um quadro, uma moldura que fica presa a memória, podendo ser prazerosa ou não.¹⁹

Planícies

Nas planícies deste sertão do Iguará, acham-se varias montanhas que mais parecem de segunda Ordem que primitivas cobertas de pedras lumializadas, a que eu chamo quartzo ferruginozo, porque calsinado com o nosso sal de vidro e com mais ferro, pezadas e irregulares, umas soltas e muitas cravadas, na sua base argiloza se agrega da mesma natureza.

Matas

O mesmo observei nas matas que cercão a várzea do rio, cujas terras humosas cobrem os óxidos, ou saes metálicos cujas matas constam de palmeiras e unhas de gato.

Animaes

Cavallar, vacum, onças, antas, javalis, crocodilos.

Escolio

Pareceria cousa duvidosa, mas não impossível que apodrecendo as substancias vegetaes e animaes nos lugares sombrios das matas desta varsea do salitre, não houvesse criação e abundancia de salitre²⁰

Nesse pequeno trecho do Diário de memórias de Vicente Jorge Dias Cabral, bacharel e viajante naturalista, nos deparamos com a descrição minuciosa da planície da Várzea do Salitre, e a partir dessa minúscula amostra formamos uma imagem na mente. É justamente essa imagem particularizada que podemos denominar de paisagem. “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.”²¹ Apesar de não ter sequer posto os pés nesse território, o conhecemos e os reconheceríamos se o víssemos. Dessa mesma maneira fluía a circulação de saberes pelos continentes. A experiência dos viajantes naturalistas não se limitava apenas a descrição, também tinha a ver com experiência sensorial e corporal, de modo que houvesse uma conexão real entre o viajante e a natureza, gerando um conhecimento profundo sobre esse mundo natural. Essa conexão se dava de maneira tão forte que através das descrições e diários dos viajantes naturalistas era possível conhecer o mundo. Sem sair de

¹⁹ Pérez Morales, Edgardo. *Naturaleza, paisaje y sociedad en la experiencia viajera: misioneros y naturalistas en América Andina durante el siglo XVIII*. Quito, 2006, 97 p. Tesis (Maestría en Estudios de la Cultura. Mención en Políticas Culturales). Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador. Área de Letras.

²⁰ CABRAL, Vicente Jorge Dias e PEREIRA, Joaquim José. Documentos diversos. AHU. Maranhão. Caixa 127, doc. 9555.

²¹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17.

seu gabinete ou país de origem, muitos estudiosos de botânica conheciam as espécies da fauna e flora e cumpriam a tarefa/sonho de catalogar o mundo colonial.²²

Se nos debruçarmos sobre o trabalho do viajante naturalista e analisarmos todas as suas especificidades, especialmente o papel desempenhado no âmbito político e social, torna-se possível discernir em meio as sombras, a participação de agentes que são mantidos invisíveis em grande parte das descrições e diários que circulam pelo continente americano e europeu. E notar como a partir de seus diários era possível qualificar e desqualificar uma sociedade, de acordo com o seu apego aos bens materiais, tratá-lo com desprezo e denominá-los de “bárbaros”.

Os viajantes naturalistas foram aqueles que escreveram narrativas sobre tudo que poderia ser experimentado pelo homem. De forma lúdica, em suas expedições, o viajante sentia-se como “o Adão em seu jardim”. Nas descrições dos viajantes naturalistas, o homem aparece em segundo plano, o grande quadro é a natureza/paisagem que até a dita chegada do viajante é não possuínte de historicidade, mas entende-se que esses viajantes não chegariam longe sem os seus ajudantes, que eram geralmente negros, índios e mestiços. Como no ensaio escrito por Heather Flynn Roller, a experiência viajante não teria sido tão sensível sem o contato com os habitantes e com os informantes.²³

22 Pérez Morales, Edgardo. *Naturaleza, paisaje y sociedad en la experiencia viajera: misioneros y naturalistas en América Andina durante el siglo XVIII*. Quito, 2006, 97 p. Tesis (Maestría en Estudios de la Cultura. Mención en Políticas Culturales). Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador. Área de Letras.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

23 [ROLLER, Heather Flynn](#). Expedições coloniais de coleta e a busca por oportunidades no sertão amazônico, c. 1750-1800. *Rev. Hist. (São Paulo)* [online].2013, n.168, pp.201-243. ISSN 0034-8309. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i168p201-243>.

1.1 CENA I: Domenico Vandelli e o advento da História Natural

A cada passo que damos na tentativa de traçar o caminho percorrido pelos agentes coloniais que se dedicaram as expedições científicas, nos deparamos com histórias que vez ou outra nos leva a indagar sobre o quão longe estes poderiam ir para se aprofundar em seus estudos, portanto, trago nesta cena, um pouco da história de um médico natural de Pádua, na Itália, cujo papel parece essencial para o desenvolvimento das ciências naturais no território pertencente a Portugal e conseqüentemente por sua disseminação em toda a Europa, levando em conta que Vandelli cultivava laços de amizade com destacados intelectuais.

Domenico Vandelli foi o guia intelectual de muitos estudantes da Universidade de Coimbra, e se destacou também pela insistência na realização das viagens filosóficas. Para que estas começassem a ser aceitas pelas autoridades portuguesas, Vandelli se esforçou e trabalhou politicamente até obter os resultados que tanto almejava. A vontade desse médico e professor de Coimbra não parecia ter limites, sua paixão pela natureza e pelo país que agora o acolhia o levava a transitar por muitas áreas, da ciência natural à política e econômica, tudo com uma praticidade e desenvoltura admirável. Em 1770, Vandelli escreve um livreto sobre a utilidade dos Jardins Botânicos no qual defende piamente que esse é o ambiente em que se aperfeiçoa a arte da agricultura nos mais diversos âmbitos e que se conhece a fundo o clima e terreno onde brotam, assim como adaptá-los fora de seu ambiente natural, como podemos observar em seguida:

A Sciencia da Agricultura consiste principalmente no conhecimento dos vegetaes, da sua natureza, e do clima, e terreno em que nascem; na causa da fertilidade da terra, na influencia do ar sobre os vegetaes, e nas regras praticas necessarias para a boa cultura. O primeiro conhecimento adquire-se com o estudo da Botanica, o segundo com experiencias, e reflexões fisicas, o terceiro, e quarto com hum Jardim Botanico, no qual he necessário cultivar os vegetaes de todos os climas, e terrenos. Hum botanico ignora inteiramente quaes sejaõ os terrenos estereis (se exceptuarmos hum cham cheio de ocre, enxofre, ou sal) por cuja causa pôde escolher entre treze mil, e mais plantas, que se conhecem, as que são uteis á economia, e proprias a qualidade do terreno ; pois que he certo, que existem plantas proporcionadas a todos os diferentes terrenos: por exemplo, para as terras, que os Francezes chamaõ franche, que são os ordinarios terrenos cultivados; para os lugares cheios de barro, greda, e areia; para os campos aridos, aquosos, e arenosos maritimos. Duas são as opinioens a respeito da fertilidade da terra. A primeira, he que a terra serve somente de matriz aos vegetaes, e de nada mais: a segunda, que os vegetaes tomaõ o maior nutrimento da terra. O que he porem incontestável, he que o maior nutrimento das plantas depende da agua, e principalmente da chuva, a qual com as particulas diferentes que traz da

atmosfera, e dos saes, e olios depositados na terra concorre muito para a vegetaçã. Alem do que contribue o calor, a luz, e materia elétrica.²⁴

Vandelli continua enfatizando que para se ter um Jardim Botânico adequado, seria imprescindível ter nele espécies de todos os continentes, e que para isso seria necessário sair à procura de materiais, dando ênfase ao ponto de que as grandes potências como Alemanha, França e Suécia já o estavam fazendo, e além do mais, já eram capazes de reconhecer uma grande quantidade de plantas originárias de suas conquistas na América. Inclusive já se utilizavam desse conhecimento para obter lucros. Aparentemente, essa seria a maneira mais eficaz de prender a atenção do governo português e levá-lo a enxergar a oportunidade de expandir o setor econômico, ao mesmo tempo em que o aspecto intelectual.

Por quanto, com o conhecimento Botanico adquirido nos mais celebres Jardins, tem os Inglezes, e Francezes examinado, e reconhecido a maior parte das plantas que nascem nas suas conquistas da America, e tem tirado immensa utilidade, e cada vez podéraõ tirar maior lucro. Muito me dilataria eu se quizesse referir todas; algumas das quaes são da America meridional.

Que vasto campo se me offerencia agora para huma dilatada digressãõ, mas nem o tempo, nem a minha occupaçaõ; nem o assumpto o permite. Nos Jardins Botanicos como se cultivaõ as differentes plantas de todos os climas, e terrenos, conhecem-se, e escolhem-se as mais proprias, e adequadas ao Paiz. Quantas Plantas são hoje commuas, ordinarias, que trazem a sua origem das regioens mais distantes? O trigo, ainda que se não sabe verdadeiramente o lugar do seu nascimento não he planta da Europa. O Milho painço é da Índia. A Aveia he da Ilha de Joã Fernandes; as Borragens vieraõ de Aleppo. O rabaõ da China; o milho da America; o Arroz he planta, que se julga da Ethiopia, e que antes se cultivava na India; a Fava he do Egypto; a Amoreira branca da China; os Tomates da America; a Bringella he da Asia, Africa, e America; o Pimentaõ he do Brasil; a Cidreirao Limoeiro da Asia, Media, Assiria; a Laranjeira da China; o Ignose , a Açafroa he do Egypto; a Piteira he da America &c.

Quasi todas as nossas arvores frutiferas são de outros paizes. Deixo de fallar de tantas arvores, plantas da Asia, Africa, e America que estão ja introduzidas na Europa, ou para ornato dos Jardins, ou para outra utilidade, porque faria hum dilatado catalogo, principalmente se ajuntasse todas as plantas de outros paizes, que neste Real Jardim Botanico tenho experimentado serem adequadas, e proprias para este feliz clima. Basta que se saiba, que muitas dellas uteis a Economia, às Artes, e ao Commercio se daõ felizmente, e que são rarissimas as plantas da America Septentrional, que aqui se não daõ bem, e de huma parte dellas pôde servir de prova o Jardim de Mr. de Wisme.²⁵

Em 1778, Domenico Vandelli é responsável pela publicação do “*Dicionário dos termos técnicos de história natural extraídas das obras de Lineu*”²⁶, nesta obra de quase 400

24 VANDELLI, Domenico. *Memória sobre a utilidade dos jardins botânicos: a respeito da agricultura e principalmente da cultura das charnecas*. In: Disponível em <https://books.google.com.br>

25 Ibidem.

26 Ibid.

páginas, encontra-se logo na introdução os objetivos de Vandelli para Portugal e suas colônias, advertindo com frequência sobre o grandioso papel da Botânica e dos estudos naturais não só para Portugal, todavia, a nível universal. É como se Vandelli atribuísse à história natural boa parte das razões de viver, a põe como a base de todas as artes que trazem prazer e a felicidade humana. Ressalta ainda que no século passado haviam muitos museus de medalhas, dos quais poucos restaram, já que agora preferem os museus de História Natural.²⁷ Permanece ainda dizendo que o conhecimento das produções naturais abrange o universo; a Anatomia, a Medicina, a Economia e muitas Artes se confundem, por ambas servirem a História Natural.

O estudo da Zoologia não consiste em simples conhecimento dos nomes de cada animal; mas é necessário saber quanto for possível a sua anatomia, seu modo de viver, e multiplicar, os seus alimentos, as utilidades, que desses se podem tirar; e saber aumentar, e curar, e sustentar os que são necessários na economia; procurar descobrir os usos daqueles que ainda não conhecemos imediatamente, ou extingui-los se são nocivos, ou defender-se deles.

O saber, pois somente o nome das plantas não é ser botânico, o verdadeiro Botânico deve saber além disso a parte mais dificultosa, e interessante, que é conhecer as suas propriedades, usos econômicos, e medicinais; saber a sua vegetação, modo de multiplicar as mais úteis, os terrenos mais convenientes para isso, e o modo de os fertilizar.

Os naturalistas antigos conheciam as minas de ferro; mas a falta de observar a propriedade de uma, que é o Magnete, a qual mostra o Norte, é quem privou os antigos por tantos séculos do comércio com as Nações mais distantes, e de saber a grandeza, e figura da Terra.²⁸

Ao longo do texto introdutório da obra, notamos a preocupação do autor em deixar claro a função que os naturalistas devem assumir com profundidade, sem se abster da procura por especificidades de cada ambiente natural em que estejam inseridos. Para em seguida, prosseguir redigindo o dicionário, na primeira parte nota-se a atenção ao reino animal, o qual apresenta-se dividido em classes na ordem disposta a seguir: Mammaes, Aves, Amphibios, Peixes, Insectos, Vermes.²⁹ Prontamente adentra no mundo das plantas e traz “As classes das plantas segundo o Sistema de Linneo”, e só então se chega a discussão acerca da Terminologia das plantas – Radix”.³⁰ Depois passa-se a discutir os aspectos da Mineralogia,

27 Idem. Ibidem.

28 Idem. Ibidem.

29 Idem. Ibidem.

30 VANDELLI, Domingos. Diccionario dos termos technicos de História Natural : extrahidos das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos : e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos : que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora / Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botânico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de Historia Natural na Universidade de Coimbra. &c. - Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1788. - [4], VI, 301, [3], xxxvi p., [22] f. grav.: il.; 4º (21 cm)

intitulado de “Mineralogia, termos da arte”, essa se dá de maneira bem breve, e então vemos uma reedição de uma memória publicada anteriormente “Memória sobre a utilidade dos Jardins Botânicos a respeito da Agricultura e principalmente da cultura das Charnecas.”³¹ No decorrer das páginas finais podemos nos deleitar com estampas do reino animal e vegetal, cujos desenhos são extremamente detalhados acerca das espécies das plantas, e as partes que a compõe. Como mostra a estampa abaixo:

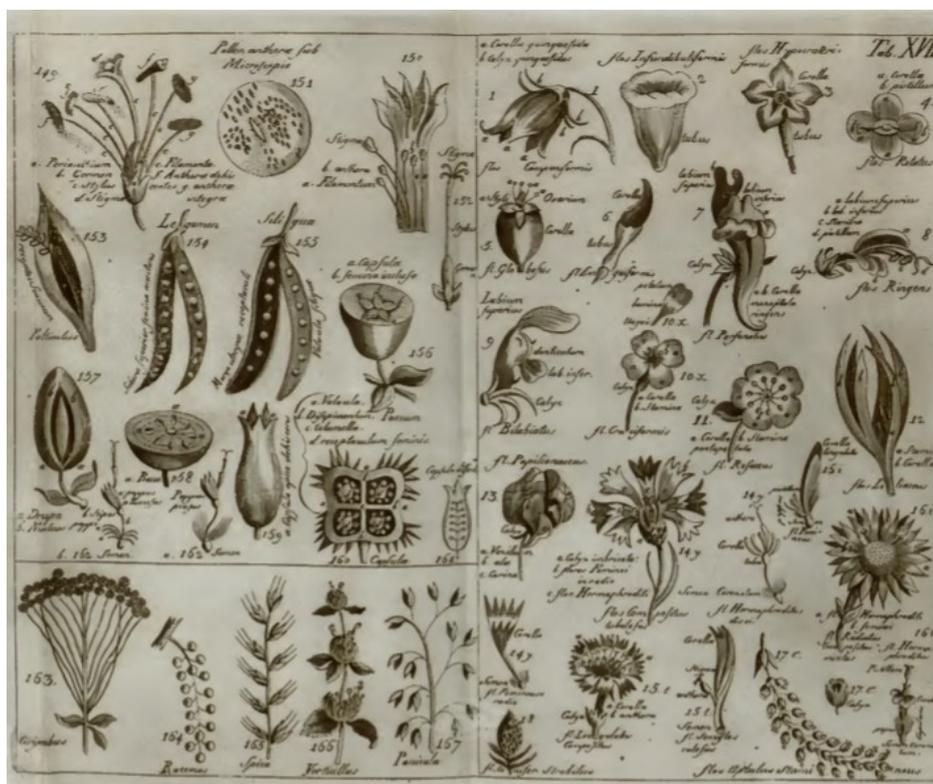


Figura 1 Desenhos detalhados de diversas espécies de plantas. Por Domenico Vandelli..

No entanto, não nos conformamos em citar e entender apenas essa obra, visto que Vandelli escreveu um grande número de memórias/manuais com instruções meticulosas para aqueles que se interessavam pela História Natural e os seus alunos em Coimbra, bem como futuros viajantes naturalistas. Nesse momento, partiremos para uma viagem dentro do manual feito com o propósito de esboçar a “Necessidade dos Diários e métodos de os fazer”, e esmiuçamos parte a parte com o desígnio de compreender bem de perto como seria o trabalho de um naturalista em ação. Iniciaremos como é mais conveniente, com a abertura do manual com a justificação para a sua composição, e prosseguiremos analisando aquilo que o mesmo autor julga importante enfatizar.

³¹ Idem. Ibidem.

Mui pouca seria a utilidade das peregrinações filosóficas, se o Naturalista se fiando na sua memória, quisesse fazer as suas relações e descrições, sem ter notado antecedentemente com a pena todos os objetos, que fosse encontrando no seu descobrimento. Não há hoje uma só pessoa, que não esteja persuadida da necessidade dos Diários, não basta que o Naturalista conheça os produtos da natureza, também é necessário, que ali assinie os diversos lugares do seu nascimento, os caminhos, a jornada que fez nas suas peregrinações; (contra) muitas circunstâncias que bem mostram esta necessidade.

O Diário pois não é outra coisa mais, que um livro de papel, ou outra qualquer matéria, dividido em anos, meses, dias e horas, no qual se irão notando os objetos, que se encontram ao passar do seu descobrimento com respeito ao ano, mês, dia e lugar em que se acham, para que depois na hora do descanso se possa mais perfeitamente descrever. Ora, os objetos, ou são daqueles que se podem recolher, como todas as plantas, com as suas flores; as minas despejadas do lugar de seu nascimento, e os animais que se podem remeter, os quais todos devem ser recolhidos para se descreverem conforme o sistema da natureza; ou são daqueles que não podem ser transportados como são as habitações, montes, rios, fontes, árvores grandes, animais ferozes, e ainda algumas plantas com as suas flores de que se haja receio de que não se possa conservar perfeitas, e então todos estes devem ser deixados, e se é possível iluminados com toda exatidão.³²

Ao falar em exatidão, Vandelli relembra aos naturalistas a importância dos conhecimentos em trigonometria plana, assim sendo, o naturalista que não tem ao alcance os serviços de um matemático consegue proceder registrando em seu diário informações indispensáveis como a “a latitude ou a altura do Polo, a longitude, clima e qualidade da atmosfera em que se acham no globo.”³³ Da mesma maneira apresenta a necessidade de os filósofos naturalistas terem desenvolvido uma boa relação com os desenhos e as pinturas, já que nem sempre se faz possível levar consigo um especialista na área. Portanto, o autor do manual deixa explícito que os naturalistas carregam em seu trabalho a obrigação de deslizar por muitas áreas do conhecimento, sendo impossível prosseguir sem o domínio dessas múltiplas habilidades.

(...) . observar os limites do país, insigne por praias, lagos, rios, e cabeças de mortos, com que a natureza separa muitas vezes os Estados dos soberanos; computar o número de seus habitantes, se forem povos civilizados, e entre estes que se aplicam a agricultura, quais ao comércio , quais as letras , quais as armas, indicando miudamente o estado de cada uma destas bases da sociedade: se a agricultura está aumentada, ou enfraquecida, se o comércio dá ao Estado o maior interesse possível ; os gêneros que entram nele, se são os mais interessantes, e os que podem servir a isso, ignorado muitas vezes pelos seus possuidores; examinar os edifícios públicos e

32 VANDELLI, Domenico. Viagens Filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar.

33 Ibid.

particulares ; a estrutura dos templos, das casas, a sua arquitetura, barbar ou polida, as matérias de que se servem para a sua construção , e as suas comodidades : a polícia e o costume dos povos ; o modo de fazer as suas núpcias, festas, jogos , funerais, até as últimas funções sepulcrais, dependente tudo da religião dominante ou da antiga superstição dos povos.³⁴

Em sua extensão, Vandelli pede aos viajantes que apresentem muita atenção a fisionomia dos povos, seus hábitos mais notáveis, “fazendo se for possível nos lugares povoados o catálogo dos vivos e mortos, se passam uma vida casta, ou dissoluta, servindo-se igualmente da monogamia, ou poligamia; se as mulheres são fecundas, ou estéreis”.³⁵ Os detalhes são tantos que chegam a impressionar, de tanta atenção que é dada a minúcias que seria pouco provável de imaginarmos tal valor cedido a preocupação em desvelar a maneira como as mães educam seus filhos, quais as suas vestimentas e o tecido do qual foram fabricados, como estes povos moem seus grãos, os sucos que preparam, as frutas, os vinhos, se vivem da caça ou da pesca, ou de ambos, assim como os instrumentos utilizados para estes fins, não se abstendo de anotar e desenhar o material do qual eram feitos. “Como são as dos barcos, em que navegam, as mercadorias, as suas armas, os instrumentos musicais, ou de guerra. A isto se reduz o que o naturalista é a mão do conhecimento físico e moral dos povos.”³⁶

Vandelli tinha praticidade quando o assunto era adquirir mais espécies para o seu herbário, logo, nenhum tipo de planta seria dispensável, quando “achada alguma planta, isto se deve entender do mais rasteiro musgo até a maior árvore, deve a recolher e pôr-lhe o nome da Arte”.³⁷ As plantas deveriam ser classificadas seguindo ordem, gênero e espécie, mas caso fosse encontrada uma nova espécie “ como hão de ser infinitas do Brasil”, então, deveriam formar um novo gênero ou espécie utilizando-se das prudentes cautelas indicadas por Linneo.³⁸ Careceriam ser anotadas a sua utilidade tanto nos usos domésticos quanto nas artes, fazendo experiências a fim de descobrir se dariam fios ou se úteis a produção de tinta. Com a aspiração de contrair a maior quantidade de informações possíveis, Vandelli recomenda uma aproximação dos viajantes com os nativos. Essa relação seria essencial no processo de coleta e nomeação das plantas.

Os índios como são os mais inteligentes práticos daquele continente, são também os melhores Mestres para nos ensinarem os nomes das plantas, e o

34 Idem. Ibidem.

35 Idem. Ibidem.

36 Idem. Ibidem.

37 Idem. Ibidem.

38 Idem. Ibidem.

seu uso principalmente das que se podem extrair cores, e das que servem nas doenças próprias daquela parte da América, onde eles morarem. As plantas devem ser recolhidas com a sua flor, folhas, tronco e raiz, das árvores basta que se recolha algum pequeno ramo com a frutificação, e será melhor que tenham flor. Recolhidas assim as plantas, devem ser impressadas pela imprensa portátil.³⁹

Há momentos na escrita de Vandelli em que ele especifica o nome Brasil, ao invés de generalizar utilizando a palavra América. Nessa ocasião é que se percebe a intenção de Vandelli em catalogar a infinidade de espécies do reino vegetal e animal do Brasil, pois, ele enxergava todo o potencial que esse território possuía e dessa maneira, desenvolveria ao máximo o potencial econômico de Portugal. Seguiam-se as instruções e as observações sobre como deveria se comportar um viajante naturalista, sobre a importância das árvores, o autor insistia que nem mesmo as cascas seriam de menor apreço, umas “dão amargas como a quina, outras aromáticas como a canela, e o chamado cravo do Maranhão, servem para usos da Medicina. Outras dão cores de que se faz uso na tinturaria, e pintura”.⁴⁰ Encontrar a quina no Brasil poderia ser muito lucrativo para a coroa portuguesa, já que até aquele momento, quem dominava o comércio da quina eram os espanhóis. “Na terra do Pará e Maranhão nasce uma árvore cuja casca só difere da verdadeira quina em ser um pouco mais aromática. Deveriam se reiterar, e repetir sobre este ponto experiências, e ver se esta pode substituir a que se faz uso na medicina”.⁴¹

(...). Cheias as matas, como testemunham alguns experimentados, e o afirmou um missionário volante, que frequentou muito aquele rio. — O mesmo afirma de toda a serra do Ibiapaba correndo de Norte a Sul e nas cabeceiras do dito rio é tão fina como a mais fina que nos vem de Castella a que os Castelhanos chamam Casquilha ou Cascarilha. Assim o afirmou o Vigário de Porougue Valentim de Lyra que antes de se ordenar era Cirurgião e de lá a mandava vir para as curas que fazia. Como também um José Lopes, homem grave, e fidedigno, afirmou que tinha muita abundância em uma sua fazenda chamada o Espirito Santo, e para prova a mandava apanhar, e mostrar aos inteligentes. No rio de S. Francisco mostrou a sua arvore um N. Peixoto, Homem dos mais graves, e fidedignos por ser muito inteligente em Medicina; e assim muitos outros de sorte que já se não duvida da sua existência, e da sua abundância.⁴²

A utilidade da quina se dava em especial para dar fim às febres intermitentes que assolavam as colônias de clima tropical, e essa começou a ser utilizada ainda no século XVII pelos jesuítas, e só passou a ser receitada pelos médicos muito depois. No entanto, a quina não se reduzia a um só tipo, mas haviam inúmeras espécies por várias partes das colônias tanto

39 Idem. Ibidem.

40 Idem. Ibidem.

41 Idem. Ibidem.

42 VELLOSO, José Mariano. Quinografia portuguesa ou colleção de várias memórias sobre vinte e duas espécies de quininas, tendentes ao seu descobrimento nos vastos domínios do brasil. Pág 5.

portuguesas quanto espanholas. Eram feitos estudos, experimentos em todas as partes para descobrir quais eram mais eficazes, as mais aromáticas e as que poderiam ser transplantadas para o Museu da Ajuda em Portugal e os demais herbários pelo mundo. No livro intitulado de *Quinografia portugueza ou colleção de várias memórias sobre vinte e duas espécies de quinas, tendentes ao seu descobrimento nos vastos domínios do Brasil*, o frei José Mariano Velloso traz cinco estampas de diferentes subtipos de quina, dentre elas destacam-se a do Piauí e a de Pernambuco, essa última estará exposta logo abaixo.



Figura 2 Quina do Pernambuco de José Mariano Velloso.

Retornando ao manual do Vandelli, caminhamos por entre os animais, já que o Reino Animal é também parte da História Natural, portanto, não merece menos atenção dos filósofos, nem os seus indícios ocupam menor parte do globo terrestre, sendo estes essenciais para os homens e de muito préstimo nos ramos do comércio. “Portanto, sendo o Brasil tão abundante em quase todas as espécies de animais que habitam os outros países, e produzindo além destes, infinitos outros que lhes são próprios.”⁴³ Logo, o viajante deveria se ater a catalogação dos animais que possivelmente encontraria nas terras do Brasil, e que ainda não houvessem sido catalogados, por serem próprios dessa região.

Deveriam ser tomados nos diários o comportamento dos animais, como caçavam suas presas, o tempo do seu coito, a sua prenhez, os seus filhotes, a habitação, seus instintos e costumes, os leites, as carnes, a pele, guardar seus nomes naturais no país. Aqueles em que

⁴³ VANDELLI, Domenico. Viagens Filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar.

não se possam ser enviados a Portugal, que fossem feitas ilustrações mais exatas possíveis e a luz natural para que pudessem ser estudados e conhecidos fora de seu habitat. Os anfíbios, aves, e mamíferos que fossem encontrados deveriam ser anotados os seus papéis no meio onde vivem, e as suas utilidades comerciais. “Das penas dos tucanos se fazem adornos de todas as espécies, substituindo os bicos a tartaruga, as penas das emas são úteis para os espanadores, a sua lanugem para a fábrica dos chapéus.”⁴⁴ Nosso passeio por essa obra de Vandelli encerra com essa estampa de uma ave minuciosamente analisada.



Figura 3 Desenho minucioso dos aspectos físicos de uma ave. Por Domenico Vandelli.

Ressurgimos para acertar mais alguns detalhes no que diz respeito a Domenico Vandelli, este homem que demonstrou tanto empenho em descobrir as riquezas naturais do império luso-brasílico e expandir o comércio, terminou por ser repreendido e acusado de manter relações de traição com a França. O que soa estranho aos nossos ouvidos, já que no decorrer de sua vida e obra só conseguimos enxergar sua dedicação a Portugal. Depois de ser deportado e ser acolhido pelos ingleses, o governo português retirou dos seus ombros o peso da acusação. Vandelli então retorna para Portugal em 1815, no entanto, em 1816, 81 anos depois de ter sido despertado pelo sopro da vida, as cortinas da mesma, finalmente se fecham.

44 Ibidem.

1.2. CENA II: As viagens científicas no Brasil

As discussões e ponderações sobre a relação que Portugal mantinha com o Brasil no período colonial não parecem se esgotar. Todos os anos nos deparamos com questões até então não abordadas, ou abordadas muito anteriormente e postas de lado, mas que nesse momento adquirem sentido e importância para a historiografia brasileira. Os estudos sobre como a administração de Portugal refletia em suas colônias não cessam, e a cada dia que passa abordagens da historiografia recente surgem para complementar a ideia de que o governo português era descentralizado, sendo assim, os funcionários do rei serviam como extensões de seus braços e garantiam um forte elo entre as diversas partes do império Ultramarino.⁴⁵ Uma das maneiras mais significativas de manter a relação entre o império português e suas colônias foram as expedições científicas, forjadas sob bases iluministas e com o intuito de conhecer a natureza e suas potencialidades.

Muitos autores contemporâneos estão convictos de que a preocupação com o avanço científico só se deu no início do século XIX com a abertura dos portos brasileiros, e dessa forma, ingleses, franceses, alemães e russos de muita desenvoltura e dotados de espírito empreendedor viram na natureza selvagem do Brasil a oportunidade de registrar novas espécies de plantas e animais, e assim, revela-las ao mundo europeu. Um exemplo claro sobre essa afirmação é que os nomes mais presentes na historiografia brasileira quando se fala em viagens científicas são os de europeus como Alexander Von Humboldt, Von Martius, Auguste de Saint Hilaire e Johann Christian Mikan, há relatos de que até o príncipe alemão Wied fez questão de conferir com seus próprios olhos os recursos naturais luso-brasílicos. Mas, esquecem-se de todo o esforço do Marquês de Pombal e dos intelectuais selecionados para realizar a reforma nos estatutos da UC-Universidade de Coimbra, dentre eles, o renomado médico italiano Domenico Vandelli que provoca uma revolução científica no império português.

As viagens filosóficas do império português, como já citado anteriormente, nasceram da Reforma na Universidade de Coimbra, e tiveram enquanto seus primeiros expedicionários, os alunos recém-formados da UC.⁴⁶ Guiados por Domenico Vandelli, organizaram e deram início ao grandioso projeto de Viagens filosóficas, cujo líder de equipe seria Alexandre Rodrigues Ferreira, acompanhado de José da Silva Feijó, Manuel Galvão da Silva e Joaquim

⁴⁵ HESPAÑA, Antonio Manuel. A constituição do Império Português: revisão de alguns enviesamentos correntes. In.: BICALHO, Maria Fernanda, FRAGOSO, João, et alii. *O Antigo Regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séc. XVI-XVIII)*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001.

⁴⁶ É importante ressaltar, que nos finais do século XVIII, os luso-brasílicos preenchiam a maior quantidade de vagas no curso Filosófico no qual eram realizados os estudos acerca das Ciências Naturais. Muitos destes ganharam destaque e assumiram cargos a serviço do governo português.

José da Silva. Inicialmente, a expedição se pretendia grande, com o intuito de adentrar nas terras brasileiras e explorar a Amazônia, mas optaram por fragmentá-la e enviar Feijó para as Ilhas de Cabo Verde, Joaquim e Manuel da Silva para o território africano e Alexandre Rodrigues foi incumbido de explorar as terras do Brasil.

Não foram encontrados documentos suficientes para afirmar quais motivos levaram a divisão dessa equipe, porém, conseguimos enxergar dois possíveis motivos: o primeiro é que Martinho de Melo e Castro e Vandelli optaram pelo desmembramento da equipe para poupar recursos, pois, ao enviar os expedicionários para locais distintos, estes, poderiam assumir também cargos de cunho burocrático, e o segundo seria pela necessidade de catalogar e classificar novas espécies no menor tempo possível.⁴⁷ A pretensão de conseguir mudar drasticamente a economia do império dependia do descobrimento, coleta, catalogação, transporte e venda de produtos de origem natural de suas colônias. Assim como a divulgação dos manuscritos preparados pelos naturalistas, cujo conteúdo seria descrições minuciosas das plantas, minérios e animais, estas, geralmente vinham acompanhadas de desenhos/pinturas que retratavam cuidadosamente cada aspecto e coloração.⁴⁸

Alexandre Rodrigues Ferreira viajou para o território amazônico acompanhado de dois riscadores(desenhistas), Joaquim Freire e José Codina, e um jardineiro botânico, Agostinho do Cabo. E em condições não muito favoráveis no quesito financeiro, a expedição se deu de maneira um tanto precária, em barcos velhos, e com a ausência de muitos instrumentos indispensáveis para a realização de experiências. Ferreira e os seus acompanhantes teriam de se desdobrar para explorar, coletar, analisar e preparar os produtos para embarcarem para Lisboa. Caberia também a estes a observação e mapeamento dos percursos dos rios, desempenho nas lavouras, demografia e o desenvolvimento da agricultura.⁴⁹

A importância da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira oscila dentro da historiografia há mais de um século. Em alguns momentos é exaltado até em excesso, e em outros, desconsiderado enquanto naturalista pela escassez de diários que abrangem estudos botânicos e zoológicos. Uma crítica ferrenha de um lado e uma tentativa de defesa exagerada do outro,

⁴⁷ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. *Instructio peregrinatoris*. Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do século XVIII. Texto policopiado pelos autores, p. 07.

⁴⁸ Esse trabalho seria realizado pelos chamados de riscadores/desenhistas. Geralmente, o chefe de expedição levava

consigo pelo menos um riscador. No caso de Alexandre Rodrigues Ferreira, dois riscadores ficaram encarregados de acompanhá-lo em sua expedição - José Joaquim Freire e Joaquim José Codina.

⁴⁹ MARTINS, Décio Ruivo. *Brasileiros na reforma pombalina: criando novos caminhos da ciência entre Portugal e o Brasil*. A Universidade de Coimbra e o Brasil: percurso iconobibliográfico. Presented at the 2012. Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/30710>>

A aquarela logo acima fora pintada por Joaquim José Codina em 1785, durante a expedição comandada por Alexandre Rodrigues Ferreira. A planta denominada cientificamente como *Couma Utilis Muell*, cotidianamente, seria conhecida como sorva pequena ou sorvinha, essa é uma espécie com grande potencial econômico, onde se aproveita praticamente todas as suas partes, extrai-se grande abundância de leite rico em látex não elástico. Seus frutos são saborosos e doces, e suas sementes também são comestíveis. A mesma ainda apresenta um grande potencial ornamental, por suas características elegantes e belas, com flores brancas e frutos de um vermelho forte. A árvore que também recebe o nome indígena de Kumã uacu é encontrada em abundância na floresta amazônica. Desde o período colonial, as nações indígenas já utilizavam a sorva para diversos fins, um deles seria a mistura com a banana, utilizada para combater diarreias. Muitas outras misturas foram preparadas e não só para fins de tratamento de saúde, mas também para a alimentação, rica em nutrientes. Seu potencial em látex seria utilizado pelos caboclos e indígenas para a calafetação de embarcações. Essa seria apenas uma pequena amostra da potencialidade natural existente na floresta Amazônica, catalogada pela expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira.⁵¹

A estampa que se apresenta na folha seguinte foi pintada por José Mariano Conceição Velloso⁵², é de uma planta muito requisitada durante o período colonial que recebe o nome de Loureiro Cinamomo, mas vulgarmente também é denominada de Canelleira do Ceilão.

A raiz da árvore, que a dá, he grossa, repartida em muitos esgalhos, coberta de huma casca roxa por fora, e avermelhada por dentro. O pau desta raiz he duro, branco, e sem cheiro. O tronco que se eleva desde oito até doze toezas⁵³, he coberto de huma casca, que no principio he verde, depois roxa. A folha se assemelharia a do loureiro, se fosse menos comprida e pontiaguda. Quando he tenra, tem a cor do fogo: envelhecendo-se, e secando-se, he de hum verde escuro por cima, e de hum verde mais claro por baixo.

As flores são pequenas, brancas, dispostas em grossos ramalhetes na extremidade dos ramos, de hum cheiro agradável, e que se assemelha ao do junquilha. O fructo tem a forma de bolota, mas he muito mais pequeno. Amadurece ordinariamente no mez de setembro. Fazendo-o ferver na água lança hum óleo, que nada por cima, e que se queima. Se o deixão congelar, adquire alvura e consistência: e se

51 FALCÃO M de A, Clement CR, GOMES JBM. Fenologia e produtividade da sorva (*Couma utilis* (Mart.) Muell. Arg.) na Amazônia Central. *Acta Botanica Brasílica*, Feira de Santana. 2003 Out;17(4):541-547, doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062003000400007>

52 José Velloso Xavier nasceu em Minas Gerais, na região que hoje corresponde a Tiradentes, sendo primo de José da Silva Xavier (o próprio Tiradentes). Velloso foi um frei e naturalista do final do século XVIII e início do XIX, tendo lecionado em um convento no Rio de Janeiro. Enquanto preparava a publicação de sua obra em Lisboa, desenvolveu trabalhos de classificação de espécies naturais. Empreendeu pesquisas no Real Museu e Jardim de Ajuda, assim como na Academia Real das Ciências de Lisboa. Também exerceu a função de tradutor e tipógrafo do Arco do Cego. Traduziu e escreveu inúmeras obras sobre a fauna, flora, agricultura, doenças, pinturas/gravuras, mineralogia, metalurgia, engenhos, economia, e dentre muitos outros temas recorrentes no período colonial, e que de alguma forma, estavam interligados.

53 ‘A toeza é uma braça francesa, tem seis pés régios, ou nove palmos escassos da nossa craveira.’

fazem velas de hum cheiro agradável, do qual o uso é reservado para o rei do Ceilão.⁵⁴



Figura 5 Estampa em aquarela da planta denominada Loureiro Cinamomo vulgo Canelleira do Ceilão.

O naturalista poderia descrever os produtos naturais com os contornos de um pincel e as incontáveis tonalidades da tinta, mas também poderia pintá-la com palavras, cada um como conseguia. E quando o naturalista de gabinete obtinha as duas apresentações ao seu alcance, adquiria uma certa magia ao estudá-la, como se fosse transportado para a paisagem onde essa se encontrava, tornando seu trabalho mais prazeroso. Trouxemos a imagem e a descrição da mesma planta, justamente no intuito de fazer perceber o quanto ambas se complementam nessa tarefa de entender a natureza da América portuguesa em toda as suas potencialidades. Assim como era essencial a circulação dessas informações pelo continente americano.

⁵⁴ Velloso, José Mariano Conceição. Memória sobre a cultura do Loureiro Cinamomo em Goa. Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798. P. 10-11. Disponível >> <https://archive.org/details/memoriasobrecult00vell/page/20>.

Segundo Ana Maria Alfonso-Goldfarb e Márcia Ferraz, a circulação de saberes na colônia não ocorria de maneira tão simples. O controle do governo também se estendia para essa área, cabia a ele a decisão sobre o que deveria ou não ser publicado no território português, não obstante, impedia a entrada de material “indevido” em suas terras. Quando os navios atracavam nos portos, eram revistados e o material manuscrito analisado e, caso fizesse parte da lista de proibições, seriam destruídos. Nos finais do século XVIII, constavam nessa lista as obras de Voltaire, Locke, Rousseau, Boyle e Hobbes, tantos outros que poderia incentivar o povo a se voltar contra o império. Além de tudo, temia-se que as riquezas portuguesas fossem divulgadas, sob o risco de serem cobiçadas por estrangeiros e reinóis.⁵⁵ Esse seria um provável motivo que levaria os naturalistas brasileiros a não terem se destacado tanto pelos demais países.⁵⁶

Alguns estudantes de Coimbra do mesmo período que Alexandre Rodrigues Pereira não seguiram para a expedição comandada por Vandelli. José Machado Gaio também pertencia a primeira turma pós-reforma, mas, em finais da década 1780, foi enviado para uma expedição de cunho científico na Serra da Ibiapaba, região que limitava a capitania do Maranhão com a do Ceará. O naturalista foi convocado por José Teles da Silva, o então governador do Estado do Maranhão, e seu desígnio seria descrever meticulosamente os aspectos daquela região. A memória escrita por Gaio não se contenta em registrar apenas a pluralidade da fauna e da flora, contempla a demografia, a geografia, o clima, a mineralogia, tudo isso com um discernimento admirável. “O ar atmosférico é puro, livre, e isento de vapores particulas danozas apesar das minas de que abunda, esta maravilhosa montanha é saudável aos corpos igualmente animais, que vegetais.” A análise de Gaio é astuta em discorrer sobre os aspectos da formação da região montanhosa, e inclusive sobre a qualidade da água que corria no rio próximo.

Observei algumas fontes nas umidade e fraldas do monte, e das pouco exatas observacoes, que me foi possível fazer sobre a sua gravidade, nelas encontrei algum pezo especifico, cor cristalina, gosto saboroso, e tam frias, que igualmente comprimim, que lizonjeam o palato.⁵⁷

55 ALFONSO-GOLDFARB, Ana M.; FERRAZ, Márcia H. M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 3-14, 2002.

56 A palavra brasileiro para designar os naturais do território Brasil no período colonial causa muita polêmica, pois, no período utilizava-se outras nomeações como brasiliense, americano ou brasílico, mas em raras vezes aparecia a nomeação de brasileiro. Qualquer que seja o termo a vir a ser utilizado, o termo “brasileiro” faz menção a naturalidade do Brasil, ao invés de a nacionalidade, o que seria um equivocado anacronismo.

57 VIAGENS FILOSÓFICAS DE JOÃO MACHADO GAIO. In: OFÍCIO do governador da capitania do Maranhão, José Teles da Silva, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre dois caixotes contendo produtos de História Natural pertencentes ao naturalista João Machado Gaio, encontrados nos sertões da capitania. Anexos: 2 docs. 24/02/1785, Maranhão. AHU_ACL_CU_009, Cx. 64, D.

O autor segue tecendo críticas aos nativos da região, por não fazerem uso daquela água de qualidade e em abundância para fins econômicos. Demonstrando insatisfação pela ausência de poços ou cisternas para armazenar a água. O julgamento também atravessa as questões mineralógicas, o autor permanece insatisfeito e inconformado com a ausência de preocupação dos nativos em utilizá-las para fins lucrativos. Gaio carrega em sua escrita uma marca que não se faz tão presente na escrita de muitos naturalistas, apesar de ter sido recomendado nos manuais. Esmiúça pouco a pouco o cotidiano dos habitantes, seus aspectos físicos, os usos que fazem da madeira, como caçam e pescam, como se pintam, e até aspectos comportamentais. “Tem o temperamento calórico, estatura regular, e sem defeito na máquina, e órgãos censórias, cabelo grosso, negro e direito, naris xato, faces redondas e sub imberbes, igualmente engenhoza que meditabundo e desconfiado”⁵⁸

Gaio revela ter encontrado uma espécie de planta, que mesmo depois de analisar e procurar em registros, não encontrou a espécie catalogada, portanto, ele mesmo a teria nomeado de *Telessium*, uma forma de homenagear aquele que o escolheu para realizar aquela expedição. Esse seria um feito muito comum entre os agentes coloniais, os agradecimentos e as homenagens a membros da administração. Ora, se não fosse o Teles ter resolvido investir em Gaio para aquela expedição, quem o teria feito? Ao prestar essa singela homenagem em sua memória, o naturalista ganhava a admiração do governador, assim como o governador poderia adquirir um cargo mais importante da Coroa Portuguesa. Quanto maior a rede de contatos, maior seria a possibilidade de investimentos e condecorações.⁵⁹

5719. fl. 5

58 VIAGENS FILOSÓFICAS DE JOÃO MACHADO GAIO. In: OFÍCIO do governador da capitania do Maranhão, José Teles da Silva, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre dois caixotes contendo produtos de História Natural pertencentes ao naturalista João Machado Gaio, encontrados nos sertões da capitania. Anexos: 2 docs. 24/02/1785, Maranhão. AHU_ACL_CU_009, Cx. 64, D. 5719. fl. 6v

59 Idem, fl. 7.

2. ATO II: Trajetórias

Há algum tempo que temos percebido a pouca importância que os historiadores têm demonstrado a pesquisas em torno das viagens filosóficas empreendidas por naturais do Brasil, assim como em territórios de grande relevância para a performance do sistema colonial. A capitania do Maranhão e Piauí são duas das quais encontramos pouquíssimas pesquisas em torno dessas expedições de cunho naturalista. Portanto, seguimos as pegadas deixadas por dois destes agentes coloniais no Sertão do Piauí e Maranhão – o padre Joaquim José Pereira e o bacharel em Direito Civil e Filosofia Vicente Jorge Dias Cabral – incumbidos de atravessar as matas catalogando, desenhando e realizando experiências para diagnosticar as potencialidades econômicas e medicinais da região. Porém, antes de nos aprofundar nas trajetórias desses viajantes, buscaremos entender a dinâmica colonial dessa capitania. O faremos a partir da trajetória de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro da Marinha e ultramar durante o período de 1796 a 1801 e D. Diogo de Sousa, governador da capitania do Maranhão e Piauí de 1798 a 1804. Através de algumas de suas correspondências, nós seremos conduzidos a refletir sobre a política lusitana e a disseminação de ideias e planos políticos que dizem respeito ao incentivo ao conhecimento científico, e ao aproveitamento dos recursos naturais para fins também econômicos.

Em 1796, Dom Rodrigo de Sousa Coutinho assume o cargo de ministro da Marinha e Ultramar.⁶⁰ Dom Rodrigo era considerado um “estrangeirado”, ou seja, alguém que pertencia ao território da Coroa Portuguesa, mas que por alguma razão, normalmente para fins educacionais/científicos, iria morar em outros países, geralmente, na Europa. E o olhar daquele sobre o território português seria o de estrangeiro. Uma visão sob outras perspectivas. Durante a sua administração, a produção na Academia de Ciências foi tida como excelente no desenvolvimento de pesquisas acerca das potencialidades do império. Inclusive, D. Rodrigo pedia aos governadores e capitães-generais das capitanias para que enviassem relatórios minuciosos sobre os recursos de cada região, sendo eles pertencentes a fauna, flora, recursos mineralógicos e humanos:

⁶⁰ D. Rodrigo de Sousa Coutinho foi tutelado por Michel Franzini (também tutor de D. José, primeiro na linha sucessória ao trono). Portanto, como há de se notar, havia grandes requisitos para assumir o cargo de Ministro da Marinha e Ultramar. Também defendeu pelo desenvolvimento das ciências naturais, e viria a ser um dos fundadores da Academia da Ciência.

Logo que recebi o Avizo de Vossa Excelência, datado de 23 de junho do corrente ano, para remeter a essa Corte todas as cascas, sementes, raízes, gomas, e plantas refutadas aqui como medicinais, expedi as ordens por cópias juntas; e a proporção que me forem chegando aqueles produtos, os irei mandando com as mesmas notas que já tenho, entre outros, enviando alguns pertencentes a matéria médica.

Deos guarde a Vossa Excelência. S.Luís do Maranhão, 17 de outubro de 1800.⁶¹

Essa seria uma maneira eficiente de mapear quais regiões poderiam ser mais lucrativas à coroa. As mudanças feitas por D. Rodrigo percorreriam diversos âmbitos, fez reformas e criou setores que se interligavam para garantir o sucesso de sua administração. Modernizou o sistema de comunicação do império e ainda ajudou a fundar a Tipografia e Cacografia do Arco do Cego em 1798.

O ministro possuía uma notável desenvoltura em articular os interesses da elite ultramarina com os interesses do Reino, contribuindo, especialmente com o trabalho de José Mariano da Conceição Velloso, que conseguiu atrair seu respeito e confiança. O frei trabalhou como tradutor de obras de importância para o mundo natural. E como já citado anteriormente, José Mariano veio a assumir a direção do Arco do Cego.⁶² Dom Rodrigo temia que os ideários europeus, especialmente franceses, fossem difundidos no império português. Principalmente aqueles que indagavam sobre a importância do Reino enquanto centro das terras conquistadas/colônias, em que um depende do outro.⁶³ O império não seria mais dito apenas como português, mas luso-brasílico. Pouco a pouco, o ministro foi conseguindo mobilizar uma equipe de intelectuais para desenvolver a agricultura do império através do uso de técnicas mais avançadas.

Em 1798, D. Diogo de Sousa recebe o cargo de capitão-general e governador do Maranhão e Piauí. A chegada de D. Diogo foi muito aguardada, pois era um homem de muito prestígio. Entretanto, sua viagem foi preenchida com alguns percalços que quase levaram sua

⁶¹ OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar. D.Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre ficar na inteligência de remeter todas as cascas, raízes e sementes que se reputarem medicinais. São Luís. Maranhão. 17/10/1800. AHU-MA, cx 113, d. 8793.

⁶² WEGNER, R. “Livros do Arco do Cego no Brasil Colonial”. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, vol. 11, 131 – 140, 2004. P. 131 – 132.

⁶³ ALFONSO-GOLDFARB, Ana M.; FERRAZ, Márcia H. M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 3-14, 2002.

embarcação a afundar.⁶⁴ O bacharel e ex governador de Moçambique recebeu nobres elogios de D. Fernando Antônio de Noronha (ex governador da capitania do Maranhão e Piauí):

Chegou o meu sucessor a esta colônia em o dia três d’outubro e tomou posse a seis do dito mês do ano corrente. Nas conferências que temos tido sobre matérias do Real Serviço, observei o unir aos saudáveis esforços d’hum espirito iluminado, a fidelidade, o zelo, a inteireza, a imparcialidade, e a prática d’aquelas virtudes sociais que podem solidamente elevar esta conquista a última prosperidade. Uma tão feliz escolha suaviza o meu sacrifício, e logo que o tempo me permitir uma viagem cômoda terei a honra de certificar pessoalmente em presença de Vossa Excelência os mais sinceros sentimentos de agradecido.⁶⁵

Os elogios de D. Fernando dirigidos a D. Diogo demonstram que ele conhecia suas qualidades e o achava um homem ideal para governar em prol do bem comum. D. Diogo não decepciona ao se mostrar empolgado com o avanço no setor científico baseado nos moldes europeus. O governo de D. Diogo incentivou a realização de expedições para explorar a região, cujos fins seriam de interesse do Império. Foram atuantes desse projeto, o bacharel Vicente Jorge Dias Cabral e o Vigário de Valença, Joaquim José Pereira. Seus principais interesses seriam o Estudo, e mais tarde o cultivo das chamadas drogas dos sertões.

Havia duas maneiras de explorar a flora, uma seria através da agricultura que se aperfeiçoava cada vez mais, fosse com a circulação de manuais da agricultura, dentre eles, o que foi traduzido por José Mariano da Conceição Velloso, e com a aquisição de técnicas mais modernas para a melhoria da qualidade e expansão produtiva.⁶⁶ O aproveitamento da fauna se dava de igual maneira, poderiam ser recolhidas espécimes na natureza, ou poderiam obtê-las da pecuária. Segundo Tiago Bonato, na ausência de naturalista de formação acadêmica, os militares poderiam assumir tal função, a exemplo de Francisco de Paula Ribeiro, um militar que transitou entre a área do naturalismo e a militar. O que o levou a angariar cargos mais importantes. Como já citado no capítulo anterior, havia uma rede que Bonato chama de “Rede de dádivas e mercês unida à rede administrativa do antigo regime”. Esse seria um dos motivos que levaram membros da elite a se preocupar e querer participar desses projetos de

⁶⁴ Após a sua chegada, D. Diogo repassa a D. Rodrigo os detalhes e empecilhos ocorridos durante o seu trajeto. Sem deixar de informar que na Baía das Preguiças foram atacados por um corsário francês, o que quase os levou ao naufrágio. CARTA dos oficiais da câmara para a rainha D. Maria I, sobre a tomada da posse de D. Diogo de Sousa como governador e capitão-general do Maranhão. São Luís. Maranhão. 20/10/1798. AHU-MA, cx 101, d. 8133.

⁶⁵ OFÍCIO (1^o via) do governador e capitão-general, D. Fernando Antônio de Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre a chegada do seu sucessor, D. Diogo de Sousa, à capitania e as reuniões que têm tido. Maranhão. 07/10/1798. AHU-MA, cx. 101, d. 8133.

⁶⁶ O fazendeiro do Brasil

cunho naturalista. Muitas figuras transitaram entre diversas áreas das colônias, experimentando e interpretando, cada um a seus modos e interesses, o mundo natural.⁶⁷

Por volta da metade do ano de 1796, Dom Fernando é informado sobre uma planta proveniente da capitania do Piauí, cuja casca seria utilizada pelos habitantes para curar febres intermitentes, esta era chamada pelos habitantes de quina quina. Um cirurgião de nome Alvarenga afirma as qualidades da planta para tratamentos febrífugos. No ano de 1800, o então governador do Maranhão envia duas caixas com 5 espécies de plantas com fins medicinais, assim como remete descrições:

Tenho a honra de responder ainda outro officio de Vossa Excelência de 23 de janeiro do corrente ano acompanhado das relações do Governador do Piauí D. João de Amorim, e da cópia do Avizo de 19 de novembro de 1798 ao horto botânico que se há de construir nessa capital afim de cultivar-se nele as plantas indígenas uteis, e as exóticas, como também árvores de construção para depois se transportarem as matas reaes. Já de Aldeas Altas remeti a Vossa Excelência algumas plantas das contidas na relação, agora remeto mais algumas desenhadas secas, como sejam as três espécies de velame, e simplesmente os dezenhos da quina quina roxa e amarela. Digo (quinquina) para me exprimir nos termos da terra, e por serem idênticos os efeitos da casca; e não porque a planta seja a mesma da Ribeira das Guaribas hei de enviar os ramos secos, e se possível com flores, e então a vista dele, do desenho e da descrição verá Vossa Excelência que verificado, que não he a “cinchona oficial “. ⁶⁸

Como se pode notar, a quina quina havia se tornando uma espécie de droga muito procurada pelas terras do Brasil, ainda que esta não fosse a que chamam de verdadeira casca pruviana, ou quina do Peru. O importante é que sua utilidade seria equivalente a mesma, sendo muito útil no combate a febres recorrentes/intermitentes. Dessa maneira, por suas perniciosas qualidades, a quina fora divulgada e transplantada para as colônias asiáticas francesas, inglesas e holandesas no decorrer do século XVIII e XIX. Além disso, o Frei Velloso escreveu um livro denominado de Quinografia Portuguesa, no qual discorre sobre as diversas variações da planta e onde estas poderiam ser encontradas.

Juntamente com as remessas de plantas seguiam as descrições de sua utilidade na área medicinal, normalmente repassadas pelos habitantes da região. Os indígenas são citados em diversos trechos das correspondências, como os conhecedores das espécies que ali se encontram e quais suas propriedades terapêuticas, alimentícias e para fins de construção. Isto indica que apesar de serem denominados de incivilizados, os portugueses enxergavam a importância de seus conhecimentos. Mas, apesar de terem as espécies apresentadas, os

⁶⁷ BONATO, Tiago. O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. P. 107-108.

⁶⁸ OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa Coutinho, sobre o envio de um canudo de latão com desenhos, ramos ressecados e descrições botânicas. São Luís, Maranhão. 25/09/1800. AHU-MA. Cx. 112, d.8759.

naturalistas não se abstêm de fazer os devidos experimentos, e remeter amostras para Lisboa, para que se pudesse comprovar e ser aceito no mercado medicinal. Para alguns naturalistas como Vicente Jorge Dias Cabral, a dita sabedoria dos nativos não poderia substituir os experimentos científicos, alerta aqueles naturalistas que não fazem os devidos experimentos de comprovação de funcionalidades terapêuticas, e ainda assim continua a divulgar suas propriedades e obter êxitos:

Devo advertir desde já a V. Excelência que se não pode dar credito as vozes vagas, que os homens do certo espalham em abono de muitos vegetais afirmando que certas moléstias (diuturnas), e como o (de) sangue no peito se curam instantaneamente, e mesmo há como uma espécie de superstição do mestiça tal, que não haveria, a dar-se lhe crédito, um só vegetal, ao qual se não atribuisse milagres, quando nenhuma outra pessoa ouviu dizer; o que nasce sem dúvida de se achar, a gente do certão sem socorro algum das enfermidades, e querendo sarar, aplicam ora remédios indiferentes, e ora perigosos, e como vença a força da natureza à enfermidade, sem mais outra prova contão prodígios mal fundado. Por isso só remeterei aquele cujo crédito for bem fundado.⁶⁹

Entre as trocas de correspondências de D. Diogo, nos deparamos com uma aferrada corrida para explorar ao máximo a natureza da região. Remete-se madeiras para construção, e também outros produtos para prazeres olfativos.⁷⁰ Especulações sobre oportunidade de pesca de baleias para alimentação e até mesmo para o fim de construção. Pensa-se em utilizar o óleo para o fabrico de sabão, como composição de argamassa e para a iluminação pública.⁷¹ Animais e plantas exóticas são dadas de presente a reinóis, assim como são usadas para a propaganda do território onde vivem. Sugestivo a caça destes como uma passa tempo para a elite estrangeira. Dentre eles, colecionadores de aves exóticas e outra espécimes, assim como as penas dessas aves originária desse território também poderiam ser usadas para o fabrico de vestimentas.⁷² Não colocando de lado também a importância dada ao salitre natural da região do Piauí e Maranhão, que viria a ser chamada por um militar e naturalista Antônio Correia Furtado, como o salitre perfeito para o fabrico da pólvora. O naturalista e vigário Joaquim José Pereira descreve em seu diário:

⁶⁹ Idem. Ibidem.

⁷⁰ OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de uma amostra linhosa e de óleo mearim, São Luís, Maranhão. 22/02/1800. AHU-MA, cx. 109, d. 8599.

⁷¹ OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a remeter as relações dos ofícios enviados pela Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar para a capitania do Maranhão, em 1798. Maranhão, São Luís. 11/01/1799. AHU-MA, cx. 101, d. 8187.

⁷² OFÍCIO (2^ovia) do governador e capitão-general do Maranhão D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de aves para o Reino. São Luís, Maranhão. 26/02/1801/ AHU-MA, cx. 115, d. 8934.

(...). que ponho na presença de V. Alteza Real Indagação desta matéria de primeira necessidade mede affectiva e favorável ocasião para fazer repetidas tentativas, sobre as muitas e diversas terras salinas do continente desta capitania do Piauhy e Maranhão de V. Alteza Real para descobrir os muitos outros saís que estarão neles como ocultos aos chymicos e naturalistas patrícios e sem que interesse “ súditos/públicos”* onde não poderão chegar os falíveis conhecimentos dos rústicos habitantes deste clima, pois pizarão os mesmos com desprezo aqueles próprios saes mineraes de que as nações estranhas tirão grandes interesses as quais as suas pedras de pagarem os Direitos Reaes, pois os pagam conforme a qualidade de seu gênero, ou sorte a que tenho podido alcançar das rochas da extensa serrania que toda tem em geral o mesmo hábito de produzir o salitre natural, ou mineral, pela pluralidade dos lugares contemplados relativamente nos parágrafos do mesmo Diário.⁷³

O naturalista tece uma crítica muito comum a respeito dos habitantes, por estes não darem valor ao potencial do local onde vivem. Para os naturalistas e intelectuais da época, valorizar, seria utilizar esses recursos para fins econômicos, mas essas pessoas não conseguem entender que os nativos viviam perfeitamente bem, antes da chegada dos europeus, e que todas as riquezas daquela terra eram utilizadas por eles, e somente eles, e isso bastava. Não havia a cobiça ou a necessidade de ascender economicamente. Para Tzvetan Todorov, os europeus e aqueles educados segundo o seu sistema, não conseguiam entender que valores são apenas convenções, e que por esse sistema ser diferente, não significa que ele não exista. Nessa perspectiva, não só aqueles que os inferiorizam, como aqueles que diziam defendê-los, os compreendiam de fato, pois, a compreensão só se dá de forma verdadeira, quando se percebe que “o outro” é completamente distinto do eu que o concebe, e ainda assim se é capaz de respeitá-lo sem hierarquização, pois, ambos coexistem no mesmo lugar e esse contato deve ser consciente das diferenças do outro. Qualquer que seja o grau de hierarquização de quaisquer partes durante este contato, levará a destruição.⁷⁴

2.1 Joaquim José Pereira

Pouco se conhece sobre a identidade de Joaquim José Pereira, o que conseguimos encontrar são apenas relatos de suas viagens/expedições, e de onde temos tentado retirar resquícios de sua vida pessoal, para além dos seus ofícios. O vigário Joaquim José atuava em uma igreja em Valença, mas também se aventurou em expedições, quando incumbido destas por Dom Diogo. O naturalista havia percorrido os sertões de Maranhão e Pernambuco. Através de sua memória acerca da Ribeira do Apody, imaginamos que ele tenha residido

73 Idem. Ibidem.

74 TODOROV, Tzvetan. "Colombo e os índios" e "As razões da vitória". In: *A Conquista da América: A questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp. 33-60.

nesse território, que hoje corresponde ao Rio Grande do Norte, para só depois adentrar as terras da capitania do Piauí. Mesmo pesquisando em livros de cunho eclesiásticos do Piauí, incluindo os livros de batismo e casamento da própria Vila de Valença, não foi encontrado nenhuma localidade que recebesse o nome de Carnoza Correa, único detalhe da vida pessoal do vigário, nem sequer no século XVIII e XIX e nem em registros mais recentes do século XX. Portanto, seguimos com o vazio sobre a origem desse personagem, sendo forçados a nos contentar apenas com o nome, e que não se sabe nem mesmo se é uma vila, uma fazenda ou uma região.

Apesar de procurarmos registros anteriores a 1790, não encontramos nenhum que mencione sobre o Joaquim, é como se ele só tivesse começado a produzir na última década do século XVIII. O que causa intriga é que Joaquim trabalhou para que recebesse algum mérito por seus serviços prestados, mas ainda assim acabou não sendo tão reconhecido. No período em que se encontrava em Valença, chegou a enviar um artigo para publicação na Academia de Ciências de Lisboa, mas este não foi aceito para a publicação. Em razão disto, trataremos da trajetória de Joaquim José de maneira minuciosa, para que possamos entender como ele enxergava o território que percorreu, assim como nos atentamos a detalhes sobre sua vida cotidiana, e pretensões na literatura de viagem, dando-lhe, séculos depois, o mérito merecido.

Joaquim José Pereira encontrava-se ocupando o cargo de padre na Vila de Valença, quando recebeu o aviso dessa expedição, e como já era um conhecedor de tais terras também havia sido incumbido por D. Diogo de Sousa a realizar uma descrição minuciosa da demografia da capitania a qual denominou de “*Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão...*”. esse manuscrito é extremamente minucioso e segue perfeitamente a obra do Domenico Vandelli, de como deveria se comportar um naturalista.⁷⁵

Como o costume dos antigos escriptores, e ainda muitos dos modernos, é querer persuadir sem a menor averiguação as cousas duvidosas por verdadeiras; as incertas por certas; as pequenas por grandes; a teoria por prática; a verbosidade por sciencia; é o motivo por que se difundem e fazem crescer os volumes nada proveitosos à verdade dos factos, mas que entretem assim mesmo as atenções dos sábios. Eu porém não pretenderei nunca molestar com o uso de teoremas somente especulativos, em que não tenha por base sólida a pratica deles: razão por que neste logar fallo com a pratica; mas individuar eu quanto devêra, não o poderei fazer na presente situação, mais que problematicamente, suposto que no ano de 1792 cruzasse os sertões de Pernambuco e do Maranhão até 1797, vivendo por ele mais de doze annos . No anno de 1792, que foi de penúria que por extremo

75 PEREIRA, Joaquim José. *Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão...* RIHGB, v. 20, pp. 165-169, 1904.

grassou em Pernambuco, sahi da villa do Port'Alegre em dias de junho do dito anno, e entrei na cidade do Maranhão em dias de agosto do mesmo anno. Nesta infeliz jornada cruzei já de pé, e já de cavalo, caminhos muitos e vários pelo continente o mais interior do sertão de Pernambuco, mas não em paralelo de concentração pelo do Maranhão, o que vim a fazer no anno de 1794 até 1797, assistindo, e caminhando, e observando a sua diferença, e desigualdade de clima, sua posição, e costume de seus habitantes.⁷⁶

Nesse trecho do diário, Joaquim José Pereira faz esclarecimentos sobre a sua conduta, e critica veementemente aqueles que escrevem diários apenas especulando o que há na natureza e a sua utilidade, sem conhecer de perto e fazer os devidos experimentos. A escrita do vigário revela uma erudição inquestionável, pois, de momento a momento, cita vários cientistas renomados da história da ciência. Podemos observar também o quão Joaquim preocupava-se com a veracidade dos seus experimentos e observações, refutando aqueles que cientistas que apenas especulam, e ainda assim conseguem atrair a atenção dos sábios.

O autor segue descrevendo a paisagem repleta de pedreiras soltas, e as justifica por ter havido há alguns séculos um dilúvio universal, e por esse motivo, muitas pedras se desprenderam do seu local de origem. Quando se refere aos riachos, Pereira escreve sobre as pedras que neles se encontram e que são de fácil impressão de qualquer outra pedra mais sólida. Ele revela que por este motivo, muitas pedras contêm escritos em diversas línguas, ou somente desenhos de animais, “e cousas outras entre si diferentes segundo a fantasia e capricho de cada um”.⁷⁷ Para Pereira, a partir desses caracteres impressos nas pedras, que se tem visto surgir muitos visionários, e escritos em alguns livros que afirmam que essas marcas são tesouros de outro tempo, “cujo entusiasmo, de que estão cheios, os tem levado a fazer esforços taes, como o de escavá-los, e por último acham tanto quanto acharam os philosophos no descobrimento da pedra-philosofal, em cujo trabalho foram tão insanos, que ele não fez mais crescer as orelhas de midas.”⁷⁸

Acerca da observação das serranias descobertas recentemente, Pereira revela que se tem encontrado uma série de objetos rústicos que não se sabe qual a utilidade, e até lavouras inteiras enterradas. Ainda que não seja do seu ramo de estudos, Pereira expõe duas suposições acerca desses objetos: a primeira suposição seria que como todos os sertões haviam sido habitados por gentios caboclos e tapuias, e estes utilizavam esses instrumentos depois de roubá-los, e os levavam para suas aldeias para deles fabricarem flechas; a outra

76 Idem. Ibidem.

77 Idem. Ibidem.

78 Idem. Ibidem

hipótese seria por estarem ali desde o dilúvio, e portanto, foram consumidas pelo ácido ferruginoso, vindo adquirir formas distintas.

Deslocando brevemente o olhar para as suposições de Pereira, podemos notar que este não conseguia atribuir de maneira alguma, os objetos aos povos indígenas, talvez, por achar que estes não teriam capacidade de produzi-los nem se quer no século XVIII, muito menos o produziram em séculos anteriores. Esse tem sido um embate que há muito tempo foi apresentado pela historiografia, na qual perpetuava-se a ideia de que essas duas culturas se encontravam em escalas diferentes na história da humanidade. Segundo João Pacheco Oliveira, nas últimas décadas, as pesquisas arqueológicas e etnológicas demonstraram que o espaço brasileiro não foi objeto de uma ocupação pré-histórica banal e primitiva. E que esse encontro no período colonial não representa nenhum palco de fantasias, pois, foi nesse encontro que se atualizam todas as práticas comuns e onde se compõe relações sociais, forjando simultaneamente tanto o colonizador, quanto o colonizado.⁷⁹ Portanto, Pereira parece esquecer de observar com alteridade a figura dos nativos, ignorando suas contribuições para as atividades científicas. Pereira segue descrevendo os aspectos naturais da paisagem de forma concisa e encerra sua memória com o Mappa geral do sertão da capitania de S. Luiz do Maranhão, exposto logo abaixo. “Enquanto ao número de pessoas, que podem compor estas freguesias, se vai a mostrar por cada uma delas, segundo a sua grandeza e extensão, como se segue.”

⁷⁹ OLIVEIRA, João Pacheco de. “Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica”. In: Coleção O Brasil Colonial. 1443-1580. Volume 1. (org.) FRAGOSO, João & GOUVEA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, pp. 167-228.

**Mappa geral do Sertão da Capitania de
S. Luiz do Maranhão.**

NOMES DAS FREGUEZIAS	NUMERO DAS DITAS	PESSOAS DE AM- BOS OS SEXOS DE...A...A....	LONGITUDE	LATITUDE	LATITUDE	LONGITUDE
Marvão.	1	2,000	20 leg.	8
Campo Maior . . .	1	4,000	30 "	12
Parnahiba. . . .	1	4,000	25 "	10
S. Bernardo. . . .	1	3,000	22 "	9
Aldéas Altas. . .	1	5,000	18 "	11
Oeiras	1	5,000	40 "	16
Pastos Bons. . . .	1	3,000	24 "	10
Parnaguá.	1	3,000	30 "	12
Jurumenha	1	2,000	21 "	10
Valença.	1	2,000	20 "	10
TOTAL.	10	33,000	250 leg.	108	50	120

Figura 6 : Mappa Geral do Sertão da Capitania de São Luiz do Maranhão. In.: PEREIRA, Joaquim José. Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão... RIHGB, v. 20, p. 165-169, 1904.

Essa breve memória também deixa pistas sobre a trajetória de Joaquim, no qual ele revela que antes da sua chegada ao Maranhão havia cruzado o sertão da capitania do Pernambuco por cerca de 12 anos. Pouco depois de escrever a memória já citada, Joaquim José Pereira escreve uma memória tocante intitulada “*Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody, da capitania do Rio grande do norte, da comarca da Parahiba, de Pernambuco: onde se escrevem os meios de ocorrer a estes males futuros.*”⁸⁰ Notamos grande sensibilidade na escrita dessa memória, talvez, por vir de um padre acostumado a ver as mazelas humanas, mas que ainda assim é capaz de se espantar com a existência delas. O autor justifica a escrita da carta por sua “atenta e escrupulosa observação feita e meditada sobre a estação dos anos de 1792 e de 1793, nos quais a cada passo se esperava a morte”. Os dias passavam e nenhum sinal de chuva no céu. Nas palavras do padre, os habitantes dali pareciam ter sido abandonados tanto pelos céus quanto pela terra, a fome e o desamparo os levava a comer qualquer coisa que surgisse a sua frente, “sem ao menos ter o conhecimento de suas perniciosas qualidades”, e logo caíam

⁸⁰ PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody. RIHGB, v. 20, pp. 175-185, 1857.

enfermos de febre, vômitos com manchas de sangue, disenterias ferinas, inchaço e males cutâneos cruéis. Os habitantes deixavam de povoar aqueles espaços e passavam a povoar as sepulturas. As grandes secas se repetiam de dois em dois anos, e “o mais leve princípio de uma seca os faz andar espasmódicos, tristes e pensativos, lacrimosos e desconhecidos”. A seca não era menos impactante para os ricos, os atingia cruelmente a catástrofe da natureza. Pereira também desenha um mapa/tabela no qual descreve: ⁸¹

O número de habitantes que se achavam vivos ao tempo imediato àquella secca: ele faz ver a quantidade de suas plantagens, o número dos seus lavradores, o que pode comer aquelle povo por anno, e cada individuo por dia, o quanto lhes poderia restar de mantimentos para dias futuros do ano seguinte, havendo providência à sua economia nos tempos próximos, e os desfavoráveis, para serem socorridos eles, e menos sensíveis as calamidade aos povos que compõe os termos e as capitancias das conquistas do reino de Portugal.⁸²

2.2 Vicente Jorge Dias Cabral

Em 12 de abril de 1800, o vigário de Valença se encontraria com o Bacharel em Direito e matemático Vicente Jorge Dias Cabral na cidade de Aldeas Altas, onde dividiriam a tarefa dada pelo governador da Capitania do Maranhão. Vicente Jorge Dias Cabral nasceu em Tejuco (Serra do Frio), lugar que hoje corresponde a cidade de Diamantina em Minas Gerais, é filho de Thomas Pereira Cabral, e foi um dos brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra, concluindo seus estudos no ano de 1789. O bacharel era um entusiasta naturalista que outrora se tornou responsável pelo Horto Botânico do Maranhão, mas queixava-se por não ter tanto tempo para se aventurar em análises que ele chamava de dignas de serem estudadas. Ao receber o aviso de sua expedição, Dias Cabral teve a oportunidade de adentrar o sertão e se aprofundar em seus estudos. Os seus diários, assim como os de Pereira foram

⁸¹ O mapa ou tabela não foram inseridos no texto em razão de sua fotografia não estar nítida o suficiente para compreensão, portanto, adicionamos a descrição para suprir a ausência do mesmo.

⁸² Idem. Ibidem.

unidos em um único tomo para serem enviados para Portugal, esse tomo fora intitulado “*Memória sobre as produções nativas*”, e traz como memória inicial a “*Memória sobre os nitros naturaes, sal de Glauber, Quina, mais produções nativas*”, nesta memória, encontra-se o discurso Preliminar e história sobre o clima da Capitania do Maranhão e do Piauí em geral, origem das serranias dos seus sertões, os testes sobre as propriedades salinas das rochas e a propriedade do seu clima para a nitrificação das terras, assim como o método econômico de as fabricar.⁸³

A segunda Memória traz descrições sobre o cotidiano dos viajantes, os locais pelos quais passaram, o tempo que permaneceram e rasas descrições sobre a paisagem. Dentre as cidades ou vilas estão Santa Maria do Icatú, Aldeias Altas, Oeiras, Várzea do Salitre, Valença, Piracuruca, Campo Maior, Samambaia, Marvão, Barra, Jerumenha e Parnaguá. O terceiro diário segue analisando a paisagem com mais profundidade, registrando os produtos naturais existentes, as matas, os animais, as aves, os olhos d’água e os escólios de cada localidade, e na página final encontra-se um mapa que resume o que encontraram em cada cidade. O quarto diário não ocupa tantas páginas, mas diz respeito às drogas encontradas na região, destacando a Quina quina. Encontrar a quina no Brasil poderia ser muito lucrativo para a coroa portuguesa, já que até aquele momento, quem dominava o comércio da quina eram os espanhóis. “Na terra do Pará e Maranhão nasce uma árvore cuja casca só difere da verdadeira quina em ser um pouco mais aromática. Deveriam se reiterar, e repetir sobre este ponto experiências, e ver se esta pode substituir a que se faz uso na medicina”⁸⁴.

Em 1799, mais especificamente no mês de março, o então governador da capitania do Maranhão, D. Diogo, enviava uma carta a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, lastimando no tocante a puerilidade dos saberes que vinham sendo apurados a respeito da exploração do salitre e todas as suas potencialidades econômicas:

[...] incumbir logo que passe a invernada [sic] a Vicente Jorge Dias Cabral, Bacharel formado em Leis e Filozofia, a precizos exames, a que se deve proceder em lugares onde aparecer salitre, sem exceptuar o da terra, que fica nos recintos do Seará e Piauy por esse

83 PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre nitros naturais, sal de Glauber, Quina e mais produções inventadas na capitania do Piauí e Maranhão. 1803. AHU, Maranhão, Cx.127, doc.9556.

84 PEREIRA, Joaquim José. Memoria ou addendo, á continuação do Diário em credito da quina quina do Piauhÿ. 1801. AHU-MA. Maranhão. Caixa 127, doc. 9555.

informarem que exportação se pode fazer pelo rio Parnaíba em quatro dias[...].⁸⁵

Pouco tempo depois, a expedição aumentou o ritmo da organização para a expedição, e em cerca de cinco meses, D. Diogo já confirmava a participação de um riscador para acompanhar o bacharel Vicente Jorge Dias Cabral, e o vigário de Valença, Joaquim José Pereira. As deliberações para que se observasse as nitreiras, D. Diogo recomendava que se observasse também aquelas árvores que poderiam ser utilizadas para o fabrico de papel. A tarefa de Vicente Jorge Dias Cabral não parecia simples, pois este, além de explorar os recursos naturais, teria também que enviá-los para São Luís e depois para Lisboa. Além disso, o bacharel também cumpria a função de diagnosticar quais as utilidades desses produtos para fins comerciais, alimentares, medicinais, fabrico de tecidos, papel e pólvora, materiais de construção, tinturaria e perfumaria. Cabia ao naturalista, igualmente responder a dúvidas do governador da capitania.

Há uma correspondência de D. Diogo para Cabral em que ele questiona a possibilidade do cultivo do trigo na região, e Cabral responde que havia a possibilidade sim, mas que seria custoso o processo, por conta de variadas dificuldades de cunho técnico. Na época, o trigo era exportado da região da Bavária, e se o cultivo ali fosse possível, ainda que custoso, retiraria um fardo ainda mais pesado dos luso-brasílicos. Cabral continua afirmando a cultura do trigo, e adiciona ainda mais dois grãos de possível produção, que seria a cevada e o milho. Mas acrescenta que as terras do Piauí e Maranhão produzem um outro tipo de farinha, também muito utilizada no ramo alimentício – a mandioca. Percebe-se que além de responder à pergunta, Cabral ainda apresentava alternativas, para no caso de o cultivo não render boas colheitas.⁸⁶

Parece indubitável que nesta capitania crescerá bem o trigo, e que só temos a experimentar, qual seja a estação própria, e qual o amanho da terra, se se deverá semear no princípio do inverno, ou se para o fim. Se a terra precisa de muito ou pouco estrume, se deve ou não ser muito revolvida. (...). Entre toda a assentação de terra, que tenho corrido do sertão, parece-me mais apropriado para a cultura do trigo todas a Ribeira do Iguará, aonde o terreno não é areento inteiramente, não falo aqui das matas, mas sim dos Campos que se consideram inúteis a não ser para o fim de pastagem de gado.⁸⁷

85 OFÍCIO do governador D. Diogo de Sousa para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre a procura do salitre. 6 mar. 1799. Arquivo Histórico Ultramarino: Conselho Ultramarino, Maranhão, AHU-ACL-CU-009, cx. 102, doc. 8264, fl. 1/1v.

86 Idem. Ibidem

87 Idem. Ibidem

A partir da análise do documento citado acima, não podemos concluir se o cultivo do trigo foi proveitoso na região, ou não. Temos notícias apenas de que o bacharel Cabral conseguiu dividir os grãos de trigo trazido por Joaquim José Pereira, e distribuí-los para dois lavradores, mas segundo Cabral, até o final da escrita do documento não havia nenhuma informação sobre o plantio desses grãos. Ao longo de uma série de correspondências, podemos encontrar discussões a respeito da concretização de um horto botânico no Maranhão, e que se esse fosse construído, quais espécies seriam cultivadas. A tão já citada quina reaparece como uma das principais espécies. Mas, o bacharel demonstra muita preocupação a respeito do transporte das amostras de produtos tanto para São Luís, quanto para Lisboa. Pois, as vias de transporte disponíveis seriam fluviais, e estas não eram adequadas para o carregamento de caixotes e mais caixotes com remessas de espécies delicadas, como são as plantas.

Para Cabral, o meio de transporte mais favorável seria o terrestre, mas estes eram demasiado precários, repletos de matas e troncos de árvores caídos, sem pontes o suficiente para atravessar as águas. Completamente desfavorável para a expansão das ciências naturais e sua economia. Cabral persiste nesse tema sob a perspectiva de que deveriam ser investidos recursos para a melhoria das estradas, e que tanto os habitantes quanto os governantes se orgulhariam de tê-las em bom estado:

As estradas não permitem grandes cargas. Havendo certeza que elas virarão, e não perecerão com a mudança da terra para os caixotes, devem-se pôr em carrinho, e há aqui novas cautelas a tomar-se, e vem a ser as seguintes: o defender as plantas das grandes chuvas, dos calores intensos, e do movimento da terra colhida nos caixões. As grandes chuvas levariam a pouca terra dos caixões esgotando-a dos princípios salinos, e saponáceos em prejuízo das novas plantas, os calores definharão até secar e o movimento da terra despregariam as tenras raízes quando principiavam a vigorar agarrando-se a terra para receber dela aqueles (sic) princípios vegetativos. Os referidos inconvenientes cessão cobrindo-se a planta com couros de boi de maneira que nunca se ofendam as suas extremidades, sendo sustentadas as caixas em duas haste rijas, bem seguras elevadas dos cantos dos lados externos dos caixões, aonde se atem nas horas de muita chuva, ou calor. Deve também ter o cuidado de recolher nos pesos os caixões as horas do meio dia, quando se descansa e deixados a noite ao sereno, menos havendo invernadas pelas razões ponderadas. Sucedendo não chover nos dias de jornada, ou em alguns dela se deverão regar os caixões, não deixando nunca ficar a terra seca, nem

também molhada e a hora competentes da manhã antes do sol aquecer.⁸⁸

Cabral continua à orientação pedindo cuidado na hora de escolher os cavalos para puxar o carro, recomendando que não devem ser escolhidos os da Fazenda Real, por serem magros e fracos. Suas orientações também tocam na questão da velocidade com que os cavalos andam, deve-se mantê-los em rédea curta, nunca soltos, para evitar que os caixotes virem e se perca a produção. Em meio a grande dedicação de Vicente Jorge Dias Cabral, D. Diogo de Sousa intervém com a administração central da Coroa portuguesa, para que Cabral recebesse o devido reconhecimento como “homem da ciência”, e que fosse compensado por tantos anos de trabalho para o desenvolvimento do império português.⁸⁹

2.3. Considerações finais

A aplicação do Iluminismo no território pertencente à Coroa Portuguesa não poderia ser como nos moldes europeus, mas, da mesma maneira, tentou-se elaborar valores e um sistema político que se aproximava muito do movimento Iluminista. O passo inicial teria sido a preocupação com a educação e o desenvolvimento da ciência, que se alastrou nos mais altos escalões da sociedade portuguesa. A disseminação dessas ideias teria se expandido durante a gestão do Marquês de Pombal, e teria gerado o naturalismo utilitário, cuja finalidade seria o reconhecimento das potencialidades das colônias portuguesas. Visto que Portugal havia perdido uma considerável parcela de seu território no Índico, o Brasil se tornara a mais soberana colônia do Império, e por esta razão, como já muito mencionado anteriormente, temia-se a circulação de informações a respeito de suas riquezas naturais e seu potencial econômico, capaz de reerguer o Império.

A colônia Brasil seria a menina dos olhos do Império português, logo, as descrições e informações sobre a sua natureza deveriam ter uma circulação que se limitava ao uso interno dos agentes administrativos, e que se dava de maneira quase que instantânea. Consequentemente, os viajantes naturalistas que serviram ao Império português não tiveram muito destaque, na época em que foram produzidos e não tem sido na historiografia, pelo menos não o suficiente para que se entenda a dinâmica colonial do Império Luso-brasílico a

⁸⁸ Idem. Ibidem.

⁸⁹ CARTA do governador e capitão-general do Maranhão, D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, para o príncipe regente D. João sobre os ofícios dirigidos ao presidente do Real Erário, pela junta da Real Fazenda, a respeito do vencimento do professor de Retórica da Cidade de São Luís do Maranhão, Vicente Jorge Dias Cabral. São Luís, Maranhão. 1807, AHU-MA, cx. 152, d.10935

partir desses personagens e da documentação produzida. Os intelectuais luso-brasileiros conceberam informações mais sucintas, atentando-se a relatar aquilo que consideravam essencial para o desenvolvimento dos aspectos sociais, econômicos e culturais. A função de suas obras bastava para estes fins, diferente dos demais viajantes europeus, cuja proposta também seria o entretenimento das elites. A escrita das crônicas variava, e com estas, as intenções.

A percepção sobre os personagens escolhidos para compor esse trabalho é relevante em um contexto maior, no qual se torna possível compreender como funcionavam as engrenagens administrativas no Estado do Maranhão e Piauí, e perceber o quanto foi investido nas expedições para exploração de recursos naturais. O apoio e a dedicação de figuras como D. Rodrigo de Sousa, D. Diogo de Sousa, D. Fernando Noronha e D. João Amorim Pereira, que não só realizaram as funções administrativas, mas puderam contribuir com descobertas e ideias para melhorar o desempenho do Estado. Essa participação tem muita relevância, pois, estes também estariam aptos a realizar as expedições se preciso fosse, já que possuíam a mesma formação que a maioria, em Coimbra. No período em que D. Diogo foi governador, o protagonismo de homens da ciência recaí sobre Vicente Jorge Dias Cabral e Joaquim José Pereira, que tiveram papel importante para a aprimoração da agricultura na região e para a transplantação de espécies de plantas que até então eram consideradas como as especiarias das índias. Assim como, para a catalogação de novas espécimes e contribuições para os saberes médicos advindos das drogas do sertão. Pelas lentes de um bacharel e um vigário, os membros da administração da Coroa portuguesa puderam enxergar as riquezas naturais do Estado do Maranhão e Piauí. Do mesmo modo como fizemos no decorrer deste texto.

Através de suas narrativas, elaborou-se uma imagem desse sertão, antes tão temido pelos colonizadores. Outrora seco em excesso, deixando definhar todo tipo de ser vivo, e em outros momentos com água em abundância, mas quase sempre muito quente, e ainda assim capaz de surpreender com suas espécies vegetais e animais únicas que sobreviveram a todas essas mudanças climáticas. Essas histórias foram compostas por outros personagens que agora recebem a devida atenção - os nativos-, conhecedores das terras e tudo aquilo que elas contém ,mais que qualquer um, ainda que mantidos escondidos nesses relatos, ou lembrados apenas como rústicos, foram aqueles que informaram sobre a fauna, a flora e os recursos minerais, tanto quanto os primeiros a fazer experimentos no cotidiano, e suas experiências pessoais se tornaram indispensáveis para que o trabalho dos cientistas fosse possível.

BIBLIOGRAFIA:

ALFONSO-GOLDFARB, Ana M.; FERRAZ, Márcia H. M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, 2002.

ARAÚJO, Ana Cristina. A cultura das Luzes em Portugal. Lisboa : Livros Horizonte, 2003.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976. p. 101 e 194/95.

BONATO, Tiago. O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

CRUZ, Ana Lúcia Barbalho. *Instructio peregrinatoris*. Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do século XVIII.

_____; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. A história de uma ausência. Os colonos cientistas da América portuguesa na historiografia brasileira. In.: FRAGOSO, João et alli . Nas rotas do Império. Eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória : Edufes; Lisboa : IICT, 2006.

_____; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. Ciência, identidade e cotidiano: alguns aspectos da presença de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra, no século XVIII. Edição policopiada.

FALCÃO M de A, Clement CR, GOMES JBM. Fenologia e produtividade da sorva (*Couma utilis* (Mart.) Muell. Arg.) na Amazônia Central. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana. 2003 Out;17(4):541-547, doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062003000400007>.

GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo. O tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In.: *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 6ª edição, 2ª reimpressão, 2002.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

MARTINS, Décio Ruivo. Brasileiros na reforma pombalina: criando novos caminhos da ciência entre Portugal e o Brasil. A Universidade de Coimbra e o Brasil: percurso iconobibliográfico. Presented at the 2012. Coimbra, 2012.

PRATT, Mary Louise. Humboldt e a invenção da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991.

Morales, Edgardo Pérez. *Naturaleza, paisaje y sociedad en la experiencia viajera: misioneros y naturalistas en América Andina durante el siglo XVIII*. Quito, 2006, 97 p. Tesis (Maestría en Estudios de la Cultura. Mención en Políticas Culturales). Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador. Área de Letras.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica”. In: Coleção O Brasil Colonial. 1443-1580. Volume 1. (org.) FRAGOSO, João & GOUVEA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody. RIHGB, v. 20, pp. 175-185, 1857

PEREIRA, Magnus R. de Mello. Um jovem naturalista num ninho de cobras. A trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde em finais do século XVIII. História: Questões & Debates, Curitiba, n.36, p. 29-60, 2002. Editora UFPR.

RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 969-92, 2001.

ROLLER, Heather Flynn. Expedições coloniais de coleta e a busca por oportunidades no sertão amazônico, c. 1750-1800. *Rev. Hist. (São Paulo)* [online].2013, n.168, pp.201-243. ISSN 0034-8309. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i168p201-243>.

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras

SILVA, Kalina Vanderlei. Nas solidões vastas e assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. Recife: Cepe, 2010.

TODOROV, Tzvetan. "Colombo e os índios" e "As razões da vitória". In: *A Conquista da América: A questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VENTURI, Franco. Utopia e reforma no Iluminismo. EDUSC: Bauru, 2003.

WEGNER, R. “Livros do Arco do Cego no Brasil Colonial”. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, vol. 11, 131 – 140, 2004.

Fontes manuscritas:

CABRAL, Vicente Jorge Dias e PEREIRA, Joaquim José. Documentos diversos. AHU. Maranhão. Caixa 127, doc. 9555.

Carta do Senhor Jacob de Castro Sarmiento ao Doutor em Medicina Cromwel Martimer, secretário da Sociedade Real de Londres. Tradução minha.

CARTA do governador e capitão-general do Maranhão, D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, para o príncipe regente D. João sobre os ofícios dirigidos ao presidente do Real Erário, pela junta da Real Fazenda, a respeito do vencimento do professor de Retórica da Cidade de São Luís do Maranhão, Vicente Jorge Dias Cabral. São Luís, Maranhão. 1807, AHU-MA, cx. 152, d.10935

CARTA dos oficiais da câmara para a rainha D. Maria I, sobre a tomada da posse de D. Diogo de Sousa como governador e capitão-general do Maranhão. São Luís. Maranhão. 20/10/1798. AHU-MA, cx 101, d. 8133.

OFÍCIO (1ª via) do governador e capitão-general, D. Fernando Antônio de Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre a chegada do seu sucessor, D. Diogo de Sousa, à capitania e as reuniões que têm tido. Maranhão. 07/10/1798. AHU-MA, cx. 101, d. 8133.

OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa para o secretário de Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho; sobre o envio de um canudo de latão com desenhos , ramos ressecados e descrições Botânicas. Anexo: 2 documentos. AHU_ACL_CU_009, cx.112, D. 8759

OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de uma amostra linhosa e de óleo mearim, São Luís, Maranhão. 22/02/1800. AHU-MA, cx. 109, d. 8599.

OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre ficar na inteligência de remeter todas as cascas, raízes e sementes que se reputarem medicinais. São Luís. Maranhão. 17/10/1800. AHU-MA, cx 113, d. 8793.

OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a remeter as relações dos ofícios enviados pela Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar para a capitania do Maranhão, em 1798. Maranhão, São Luís. 11/01/1799. AHU-MA, cx. 101, d. 8187.

OFÍCIO (2ª via) do governador e capitão-general do Maranhão D. Diogo de Sousa, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de aves para o Reino. São Luís, Maranhão. 26/02/1801/ AHU-MA, cx. 115, d. 8934.

OFÍCIO do governador D. Diogo de Sousa para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre a procura do salitre. 6 mar. 1799. Arquivo Histórico Ultramarino: Conselho Ultramarino, Maranhão, AHU-MA, cx. 102, doc. 8264.

OFÍCIO do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. Diogo de Sousa Coutinho, sobre o envio de um canudo de latão com desenhos, ramos ressecados e descrições botânicas. São Luís, Maranhão. 25/09/1800. AHU-MA. Cx. 112, d.8759.

PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre nitros naturais, sal de Glauber, Quina e mais produções inventadas na capitania do Piauí e Maranhão. 1803. AHU-MA, Maranhão, Cx.127, doc.9556.

VANDELLI, Domingos. Diccionario dos termos technicos de História Natural: extrahidos das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos: e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos: que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora / Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botanico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de História Natural na Universidade de Coimbra. &c. - Coimbra: na Real Officina da Universidade, 1788. - [4], VI, 301, [3], xxxvi p., [22] f. grav.: il.; 4º (21 cm). In: Disponível em <http://purl.pt/13958/3/#/7>

VANDELLI, Domenico. *Memória sobre a utilidade dos jardins botânicos: a respeito da agricultura e principalmente da cultura das charnecas*. In: Disponível em <https://books.google.com.br>

VANDELLI, Domenico. Viagens Filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar.

VELLOSO, José Mariano. Quinografia portugueza ou colleção de várias memórias sobre vinte e duas espécies de quinas, tendentes ao seu descobrimento nos vastos domínios do brasil.

VIAGENS FILOSÓFICAS DE JOÃO MACHADO GAIO. In: OFÍCIO do governador da capitania do Maranhão, José Teles da Silva, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre dois caixotes contendo produtos de História Natural pertencentes ao naturalista João Machado Gaio, encontrados nos sertões da capitania. Anexos: 2 docs. 24/02/1785, Maranhão. AHU_ACL_CU_009, Cx. 64, D. 5719.

ANEXOS

Anexo 1

Memoria sobre as Nitreiras naturaes da parte inferior da Capitania do Piauhy offerecida ao Il.mo e Ex.mo Senhor Dom Diogo de Souza.

Do conselho do Principe Regente Nosso Senhor Governador Capitam General do Maranhão para

Vicente Jorge Dias Cabral Bacharel Formado em Filozofia e Direito Civil, Opp.os aos lugares de Letras

Anno de 1801.

Já em outro escrito Il.mo e Ex.mo Senhor, dice que o Nitro era hum Sal neutro compozto de alcalifixo vegetal, ou potassa, e de ácido nitrozo: dice igualmente quaes erão os signaes externos da sua figura, quais os do gosto, que o distinguão dos mais sais, e em que terras era mais ordinario encontrar-se. resta só agora dizer o que observei em parte inferior do Piauhy no giro que dei desde a Cidade de Oeiras athé o meu regresso a Cidade, tendo sempre em vista a probidade do especialíssimo aos escritores afim de não iludir a V. Ex.^a e ao Ministerio.

Não fare, portanto pompoz as relaçoens guiado da ambição do premio nem colocarei a pobreza das Nitreiras Naturais deste certão mascarando-a com a pluralidade dos lugares em que encontrei salitre. Acrescento com tudo que antes de partir do Maranhão predice a V. Ex.^a que no Certão se não havia de achar grande quantidade de Nitro nativo, mas sim boa dispozição para estabelecimento de Nitreiras naturais. A minha “aperias” então era fundada na combinação que fez das relaçoens dos noticiadores, os quais se presuadião que sem mais exame merecerão, como V. Ex.^a ajuizadam-te dice, o premio de huma comenda agora he confirmada com as observaçoens feitas no giro que dei por espaço de nove mezes Tenho pois a satisfação de patentiar a V. Ex.^a a verdade neste meu papel, bem certo que V. Ex.^a sabe apreciar averd.e Nem serão outras as minhas vistas na relação dos mais objectos que explorei na continuação das minhas memorias nas quaes me proponho falar, inverio ordine dos trez Reynos da Natureza, Mineral, Animal, Vegetal. Não espere V. Ex.^a huma exactissima análise detodos os objectos dignos de attenção: a pluralidade delles as longas viagens, e afalta de meios são legitimas cauzas de desculpa.⁹⁰

De V. Ex.^a
súbdito.

O mais reverente

Vicente Jorge Dias Cabral

Anexo 2

90 AHU, Maranhão, caixa 127, doc. 9555, transcrição da autora.

Memoria Sobre as Produccoens Nativas Memorias Sobre os Nitros naturais, sal de Glauber, Quina, e mais Produccoens Nativas Inventas na Capitania de Piauhy e Maranhão debaixo dos Auspicios e de Ordem de sua Alteza Real e Principe Regente Nosso Senhor.

Pelo

P. Joaquim Joze Pereira

Vigario de Valença natural de Carnoza Correa.

Anno de 1803

Tenho a honra de apresentar a V. Alteza Real todos os trabalhos da minha viagem, desde mil setecentos e oitenta e nove ; até mil oitocentos e dois em que me recolhi a esta Capital do Maranhão, sendo o salitre natural, ou mineral o primeiro objeto das Reaes Ordens de V. Alteza Real, e principal obrigação de um maior dever, e disvello, a que tive a distinta honra ser empregado, recebido de hum avizo de mil setecentos e noventa e nove; que depois de ajoelhar na terra, e beijar a mão a V. Alteza Real acompanhei e entreguei ao Governado e capitão general deste Estado do Maranhão D. Diogo de Sousa, para ter o seu devido efeito e autoridade do qual neste officio de quatro de setembro de mil setecentos e noventa e nove a que *inserido, que ponho na presença de V. Alteza Real Indagação desta matéria de primeira necessidade mede affectiva e favorável ocasião para fazer repetidas tentativas, sobre as muitas e diversas terras salinas do continente desta capitania do Piauhy e Maranhão de V. Alteza Real para descobrir os muitos outros sais que estarão neles como occultos aos chymicos e naturalistas patrícios e sem que interesse “ súditos/públicos”* onde não poderão chegar os falíveis conhecimentos dos rústicos habitantes deste clima, pois pizarão os mesmos com desprezo aqueles próprios saes mineraes de que as nações estranhas tirão grandes interesses as quais as suas pedras de pagarem os Direitos Reaes, pois os pagam conforme a qualidade de seu gênero, ou sorte a que tenho podido alcançar das rochas da extensa serrania que toda tem em geral o mesmo hábito de produzir o salitre natural, ou mineral, pela pluralidade dos lugares contemplados relativamente nos parágrafos do mesmo Diário. E sobre o resultado das nitreiras naturaes ou mineraes, dá a dizer que mesmo é este o bastante para suprir* as necessidades públicas, pelo desabrigo em que se acham e que somente só se pode conseguir pelas Nitreiras artificiais, construindo-se as mesmas nesta capitania, e nas demais de mesmo clima, dos domínios de vossa Alteza Real, por serem climas próprios para socorrerem por este tempo de terra e da voz dos rústicos habitantes de que ouvem todos os anos no principio e fim das chuvas, estão ondas que se atribuem aos mineraes das suas montanhas: e estes no mesmo tempo em que as grandes massas de nossos rochedos se desapregão quebrando por razão da humidade, força do sol e falta de equilíbrio nas mais desamparadas e escavadas na sua base.⁹¹

⁹¹ AHU, Maranhão, caixa 127, doc. 9555, transcrição da autora.

Anexo 3

Origem das Penhas

São as penhas ou rochedos da serra destas observados em minha viagem aos podres por ser a sua agregação de tal sorte pureza que não resistiu o peso dos corpos que a subiu para observar, o que experimentei com risco e grande cuidado quando os subi para conhecer nelas as produções salinas. Ellas se desfazem ao ar, em maior quantidade dos desses principais primordiais de que “ a que” das duras e capazes de constituir se dela obra de ‘ caularia’ as quais pedras também produzem i vidro em es estado de pureza; e se deformam muito menos ao ar, e desta natureza igualmente são as que dão o cal aluminoza de nitro, ou extrato aluminozo , também muitos cúbicos ou de soda*. Estas são degradadas na sua maior altura por algum princípio (sic).

Porque observei elas plataformas diversas com elevadas pyramides. Eu observei desta maneira massas com um continuado encadeamento de cordilheira que os * pargum pelos sertões deste continente e avançam por todo o Brasil de domínios de Portugal. Elas são os reservatórios das águas que saindo atualmente delas porções de agoas (sic) em diversos lugares e das mesmas tem nascimento o grande lago perenal de Parnaguá, e os aguantes(sic) da Varséa do Salitre, e outros muitos em todo o sertão. De sorte que os mesmos regatos perenes vão a engrossar as vias caudalosas que desembocam nas Bahias, costas do mais* dos mesmos Dominios. Eu, os * chamo primitivas e compostas de toda a sorte de terras que contudo, os princípios salificáveis* vem a ser subministrados pelas regras plurais ou saeficantes para formar os saes muito *nelas inventos: esta relevante circunstância pode bem admitir que a formação das massas penhais precedem a criação dos vegetaes e dos animais de quem tiram os seus princípios fixos.

Não o bastante, pode se dizer que os fogos, as *coisas e os vegetais originados devem ter somente os corpos que concorrem com a agoa, para a criação dos açudes* e para a formação do nitro. E para (sic) o puro sobre as mesmas plantas marítimas ou corpos orgânicos propriamente concorrem para a formação desse (sic)evento. Como em tal caso sofrerá ele sem a sua própria base (sic) Logo, ele é um nitro imperfeito? Eu não encontrei nessas penhas nem plantas marítimas, nem outras petrificadas na distância de mais de cem léguas das praias, rios e marés. Mas são compostas de diferentes princípios úmidos e porções oleaginosas que ainda não decompostas, fazem variar os seus produtos salinos conforme a sua natureza.

Elas são compostas de uma terra primitiva que faz a sua maior base com uma argila oleativa em pó, ora vermelha, ora branca. Que o Ilustríssimo Conde de Buffon considerou como um quartzo dividido em pó muito sútil. Eu não as considero despidas das terras calcárias, ainda que preção ser distintos caracteres, e não dar fogo, ou que com o fuzil ou de fazerem efervescência com os ácidos. Elas são, como posso afirmar, contempladas por mim de princípios aluminosos ou de um *humem cobriam constantes os lugares das minhas operações: o caso da sua descrição ao longo tempo expostas pode ser aquela mesma dá M. Granville, e o Cavalheiro Guilherme Hamilton, por vir da terra calcária ou da (sic) ou estado de calcificidade ou cujo estado atraí como por degraus a água e o ar fixo, que depois inchando detenha a sua textura e ao mesmo tempo passe aonde nitroso que se combina com as matérias que pode deslocar e que encontram na sua intenção hume com o *acalte fixo , e forma nitro de “Sage”, e os nitrito debaixo pesam. Na opinião dos químicos raramente se acham na natureza os sais no estado de pureza, o que faço ver nos mais diários.

Este fenômeno me faria afirmar na mais longa distância desse sertão , não só na natureza do nitrato nativo no estado de pureza, como os nitratos diferentes no estado de heterogeneidade, sal e nitrato de soda já descoberto pelo M. Barles(Bartes) na Espanha como refere e sirvam na sua Mineralogia elemental , e se confirmo com o extrato aluminoso por aqui inventos a que é valissima até hoje tem bradado por um produto da arte ou estudado por calcários quando digo: O que porem posso dizer obre o nitro invento, a que chamam calcário produzido nas pedras ou de potássio, criado das *podres funções na cavalarias composto de um ácido particular unido a uma base **alcalina fixa** e a uma pouca de matéria calcária e que este sal se acha formado em qualidade em muitos lugares desta Capitania de São José do Piauí, onde os tem uma carreira livre pegado e florescido nas pedras granitos que se desfazem ao ar, cujo sal se reproduz nas mesmas sempre que as ditas penhas estão húmidas.

Quando disse que suas poderia esperar grande abundância de nitro nativo... Porquanto *escrevo referido em meus Diários ou Memórias não é outro mais que aquele que verdadeiramente se chama de *honssage como refere Bergman (a) : Salitre de homenagem é um nitro natural e cristalizado que reproduz sobre as *minas, sobre as terras e sobre as pedras tal é nosso outro, e aquele que reproduz nas Indias sobre certos rochedos. Porem neste diria que ele se cria em quase todos onde se forma a excessão dos chistosos, e puramente calcários: e cujos resultados se chama de *vassora, como se refere M. B(?).

Essa sorte de nitro se ajusta com vassouras de onde seria o seu nome de Houssage, é verdade que assim me acontecem as mais das vezes azar de outros de pensar em lugar de vassouras para aproveitar das pedras não só o nitro em pó, como também o pó migalha das crustas ou (sic) que cortavam ou (sic) de ferro, compostos, facas. E todas as necessidades do Estado sendo útil, econômico, serem empregados na construção das nitreiras artificiais, no fabrico do mesmo salitre, os corpos militares que saem desta capitania destacados para os sertões desta capitania, cujos estabelecimentos devem primeiramente pequenos e multiplicados como de um só telheiro, ou cabana. Nesta capitania deve haver uma alpendrada na cidade do Maranhão, outra na Vila de Alcântra e reciprocamente em Aldeias Altas, na Matriz de S. Bernardo, na de S. Maria do Icatu, na vila de S. João da Parnaíba, na Matriz da freguesia de Itapecuru, na vila de Valença, na cidade de Oeiras, comparando-se nesta generalidade as capitanias de Pernambuco, Bahia, e se conhecerá bem depois qual delas, ou em que lugar das mesmas é a produção de salitre mais vantajosa para serem conservadas e tratadas com boas nitreiras, e providenciar se os mai que for útil ao bem público das conservação das mesmas, das quais também trato conforme os meus curtos conhecimentos e observações por mim feitas ao Real estabelecimento da nitreira de * sais de prata que frequentes no serviço de vossa alteza Real no Aviso de 1798.

Além daquele objeto de primeira necessidade, há outros que aprovado pela Medicina Portuguesa pela sua virtude eficaz novamente descoberta muito digno de ser olhado por Vossa Alteza Real para ser depois de aprovado um donativo público, interessante aos enfermos da pátria com igual vantagem a “quina quina” do Perú ; por quanto agrande soma de quina que se exporta para o Reino de Portugal e domínio de V. Alteza Real tanto em substância, quanto extraída delas as diversas aguas da Inglaterra, se fazem conhecer por *inúteis, como dizem as observações do Doutor Norberto Antonio Chalbel, José Antonio de Conto, médico ou Doutor José Pinto de Azevedo, físico Mor do Reino de Angola dos domínios de V, Alteza Real expendidas no folheto : Aviso no público a respeito da agua da Inglaterra em 1799 no qual se descobre avisioso comensais da quina do Perú, e como o seu mesmo tem tido aceitação , ou se não podendo a mesma soma que com ela indefere ficar no Reino e domínios de V.A. R , aprovada que seja a quina quina do Piauí. Não devendo registrar-se também os sais descobertos então, acreditados tanto na Medicina, quanto nas Artes de que os livros do * curso dão, Artes e químicas estão cheios de páginas interessantes.

Tenho remetido de salitre “onze arrobas, e cinco libras, de sorte que tenho cursado na indagação do mesmo os brenhosos sertões de S. Maria de Icatu em Aldeias Altas, de Oeiras,

de Valença, de Marvão, da Parnaíba, de Campo Maior, de Tanquinho, de Parnaguá, nas pressas faltou S. Bento de pastos bons, andando repetidas vezes pelo mesmo lugar, cumprindo em tudo o meu dever e ainda socorrendo com *sigelia os indivíduos os ocupados no mesmo Real Serviço quando enfermos, para assim adiantar o Serviço de Vossa Alteza Real como fiel vassalo nos seus logo pela observação da preciosa vida de Vossa Alteza Real , muito bem o maior amparar que possamos para a segurança e felicidade de todo o reino e domínios da Feliz regência de Vossa Alteza Real. ⁹²

Do Humilde súdito Joaquim José Pereira

92 AHU, Maranhão, caixa 127, doc. 9555, transcrição da autora.